PLACAR
Abril
Os protagonistas: muitos craques. Éramos felizes e não sabíamos
Os coadjuvantes: atualmente eles seriam jogadores de primeira linha
As camisas mais bonitas e as mais estranhas
Os gringos bons de bola daqui e da Europa
Quem eram os bonzinhos e os malacos
Seleção: os acertos, os fiascos... e o penta!
Ronaldinho deu show no Barcelona
DOSSIÊ
O futebol nos
ANOS 2000
A década dos boleiros

SUMÁRIO

A DÉCADA 5 ESTRELAS
O biquinho da chuteira que nos deu o pentacampeonato e a maior glória dos anos 2000. Obrigado, Fenômeno!

EDITOR CONVIDADO: MARCELINHO CARIOCA

Como já se tornou uma tradição, convidamos um craque de bola para se arriscar como editor de nossos dossiês. Marcelinho Carioca foi um dos mais ricos personagens da década de 2000. Com personalidade forte, nunca fugiu do debate aberto, nem mesmo quando era criticado, até mesmo pela Placar, que estampou o jogador como o "mais odiado do Brasil". Para nós, que celebramos o futebol, o papel de Marcelinho mais importante foi o de CRAQUE, algo incontestável em sua carreira. Acompanhe, durante toda a edição, seus comentários e pitacos, partilhados por nosso editor Rodolfo Rodrigues.

© **CAPA** GETTY IMAGES
© **SUMÁRIO** RICARDO CORRÊA (COPA 2002) E ALEXANDRE BATTIBUGLI (MARCELINHO CARIOCA)

VICTOR CIVITA (1907-1990) **ROBERTO CIVITA** (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), e Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Marcos Haaland

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora de Marketing: Andrea Abelleira

PLACAR

Colaboraram nesta edição:
Rodolfo Rodrigues (texto), L.E. Ratto (arte), Alexandre Battibugli (foto)
Ricardo Corrêa (edição e foto) e Renato Bacci (revisão)
CTI: André Luiz e Marisa Tomas
www.placar.com.br

PUBLICIDADE ΩDaniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Júlio Tortorello (Beleza, Higiene, Varejo, Indústria, Pet, Mídia e Cultura), Renata Miolli (Alimentos, Bebidas e Turismo), Rafael Ferreira (Moda, Decoração e Construção), William Hagopian (Regionais), André Beck (Colaboração em Direção de Publicidade - Rio de Janeiro), Christiane Martinez (Agências de PR e Associações) e George Fauci (Colaboração em Direção de Publicidade - Brasília) **ASSINATURAS E VAREJO** Daniela Vada (Atendimento e Operações), Ícaro Freitas (Varejo), Juliana Fidalgo (Gobox), Luci Silva (Relacionamento e Gestão Comercial), Patricia Frangiosi (Comunicação), Rodrigo Chinaglia (Produtos) e Wilson Paschoal (Canais de Vendas) **ABRIL BRANDED CONTENT** Sergio Gwercman **MARKETING DE MARCAS** Carolina Fioresi (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida e Femininas) e Thais Rocha (Veja e Vejinhas) **ESTRATÉGIA DIGITAL** Edson Ferrão e Thiago Barros (Relações com o Mercado) **MERCADO/BI** Rafael Gajardo **SEO** Isabela Sperandio **PARCERIAS E TENDÊNCIAS** Airton Lopes **PRODUTO** Leandro Castro e Pedro Moreno **MARKETING CORPORATIVO** Maurício Panfilo (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data) e Gloria Porteiro (Licenças) **VÍDEO** André Vaisman (Colaboração em Direção de vídeo), Alexandre de Oliveira (Técnico e Editorial), Rudah Poran (Arte e Corporativo) e Silvio Navarro (Informação) **PROJETOS ESPECIAIS** Sérgio Ruiz **DEDOC E ABRILPRESS** Adriana Kazan **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** Adriana Fávilla, Emilene Pires **RECURSOS HUMANOS** Ana Kohl (Remuneração e Benefícios), Karina Victorio (Desenvolvimento Organizacional) e Patrícia Araujo (Consultoria Interna de RH) **RELAÇÕES CORPORATIVAS** Douglas Cantu.

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7.221, 20º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1447 (789 3614 11141 4), ano 48, é uma publicação da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. PLACAR não admite publicidade redacional.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO: Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens acesse: www.abrilstock.com.br

Atendimento ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com

Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

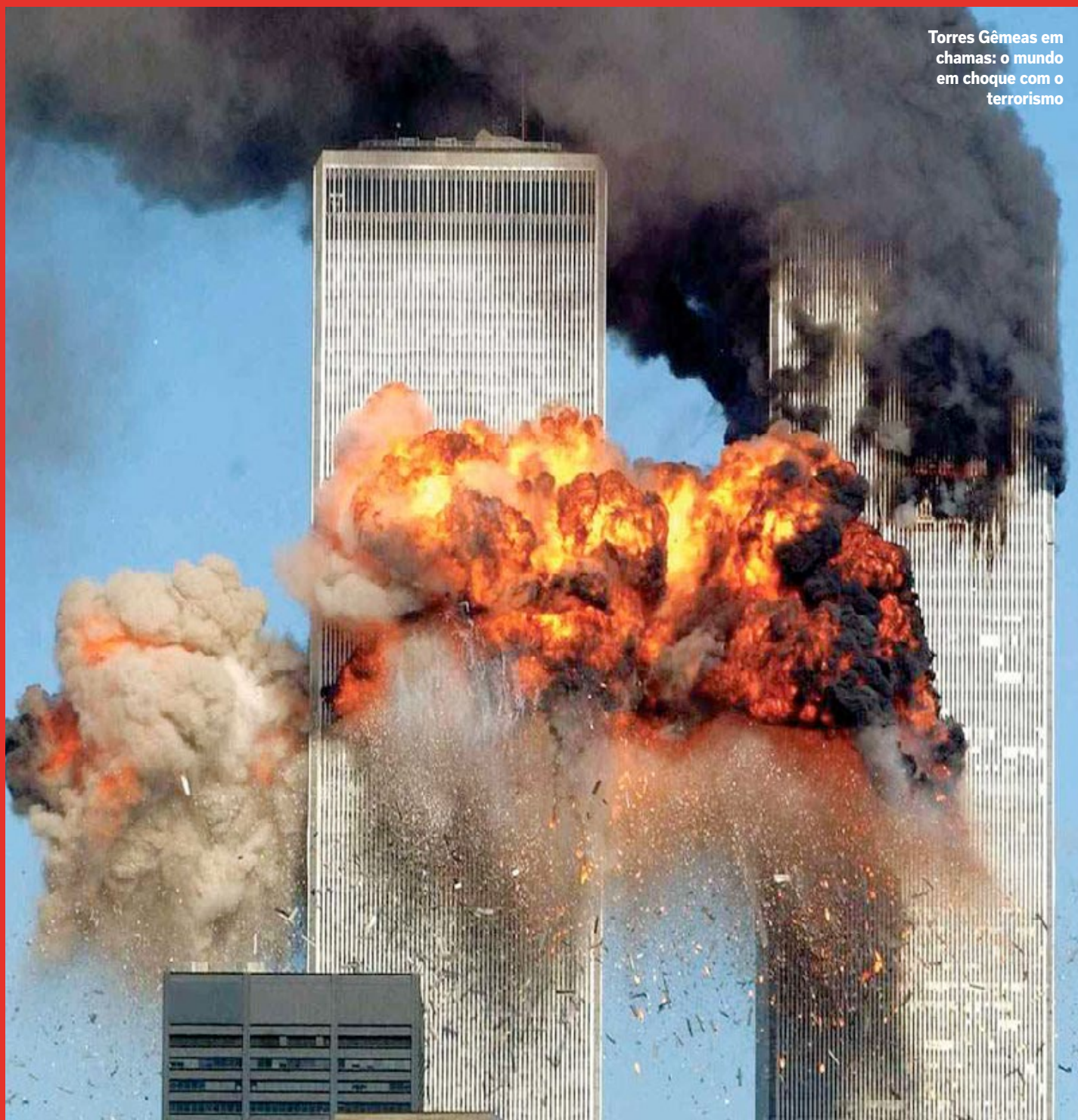
Presidente AbrilPar e do Grupo Abril: Giancarlo Civita

Diretora da CASACOR: Lívia Pedreira
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Total Express: Ariel Herszenhorn
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara

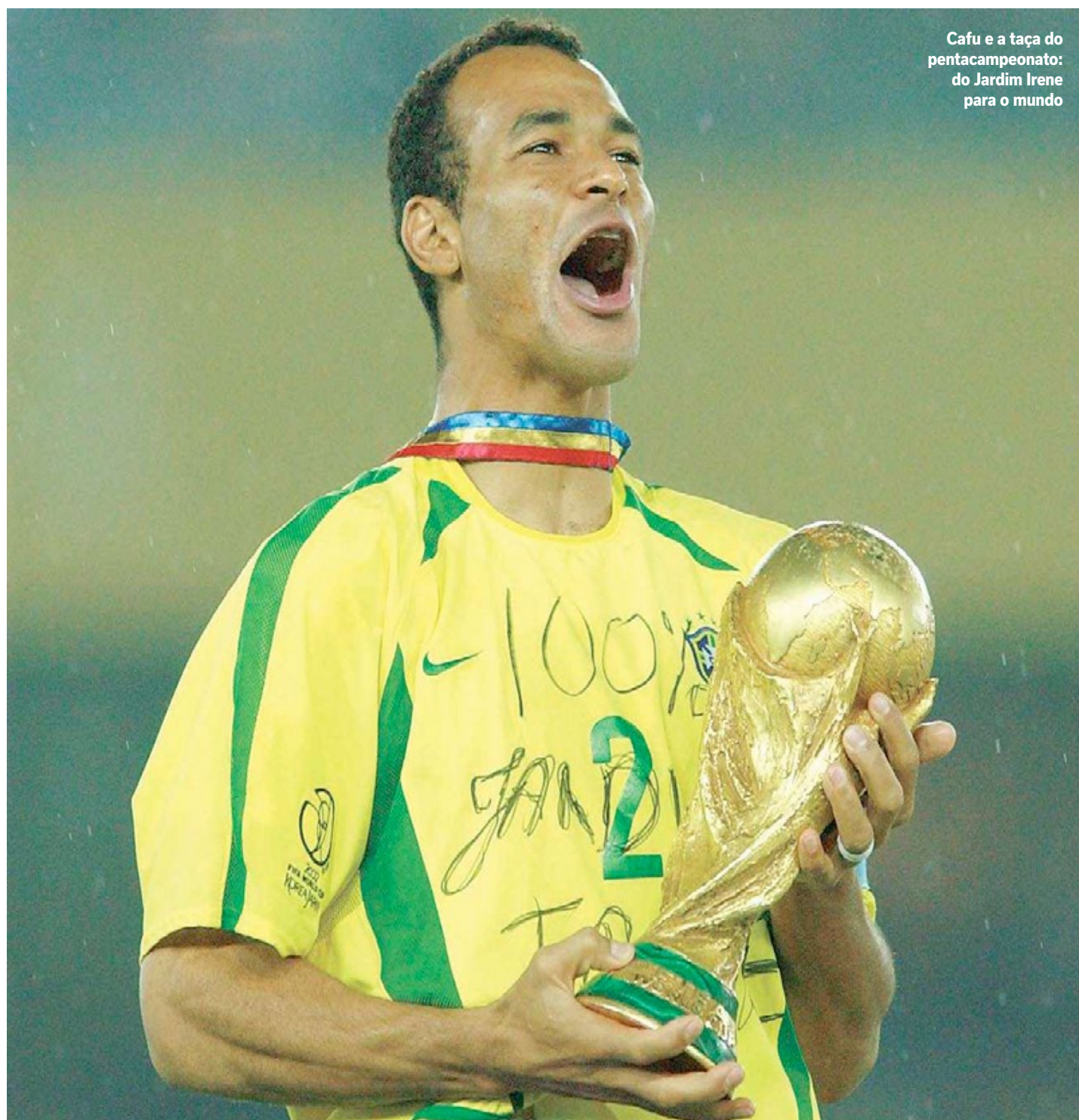
Diretor de Finanças e Administração: Marcelo Bonini
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretor de Recursos Humanos: Leonardo Ferreira
Diretor de Tecnologia: Ricardo Schultz

www.grupoabril.com.br

DOSSIÊ
ANOS 2000

Torres Gêmeas em chamas: o mundo em choque com o terrorismo

© GETTY IMAGES

A DÉCADA DO MEDO E DO PENTACAMPEONATO

Cafu e a taça do pentacampeonato: do Jardim Irene para o mundo

© RICARDO CORRÊA

Começamos a viver o período de 2000 com esperança renovada. Era a virada do milênio e da confirmação de novos tempos. Mas logo em 2001 o mundo assiste com perplexidade ao maior ataque terrorista da história, contra os EUA, atingindo Nova York e o Pentágono, com 3 mil mortos e mais de 9 mil feridos. Para aliviar, no futebol, conquistamos o penta, em uma década agitada

2000

Gisele Bündchen explode no mundo da moda. Gustavo Kuerten conquista o bicampeonato em Roland Garros e Barrichello vence o GP da Alemanha após sete anos sem vitórias brasileiras. Impossibilitada de organizar o Campeonato Brasileiro por uma decisão judicial, a CBF delega a organização ao Clube dos 13, que cria a Copa João Havelange em quatro módulos. Vasco e São Caetano chegam à final. O segundo jogo é marcado por um incidente grave que feriu mais de 100 pessoas em São Januário, cancelando a partida, disputada somente em 2001 e definindo o Vasco campeão. O Palmeiras perdeu para o Boca Juniors a final da Libertadores nos pênaltis, no Morumbi, desperdiçando a chance do bi. O Timão ganha o Mundial da Fifa disputado no Brasil, mesmo sem ter vencido a Libertadores. O Vasco ficou com o vice, em final no Maracanã.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© GETTY IMAGES

Eurico Miranda, símbolizou o desmando e inconsequência no futebol ao tentar retomar a final de 2000, apesar do acidente grave. Guga era a pátria de raquetes, chegou ao topo e conquistou o Bi em Roland Garros. Rincón, festejou o Mundial corintiano

2001

Foi o ano em que assistimos aos maiores ataques terroristas da história. Foram 3 278 mortos e desaparecidos pelos números oficiais, além de mais de 9 mil feridos. Dois aviões atingiram as Torres Gêmeas, em Nova York, que posteriormente desmoronaram. Um terceiro avião atingiu o Pentágono e um quarto avião caiu, em confronto entre os passageiros e os terroristas.
No futebol, a seleção apanhou demais e se classificou no sufoco para a Copa de 2002, com a pior campanha na história das Eliminatórias. Felipão assumiu o time nos últimos seis jogos, substituindo Emerson Leão. Venceu três, mas perdeu três. A CBF tenta arrumar a bagunça da Copa João Havelange de 2000 e retoma o Campeonato Brasileiro, mas com 28 clubes. O Atlético Paranaense se torna campeão, sendo o São Caetano vice pela segunda vez.

© GETTY IMAGES

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Uma das cenas que chocaram o mundo em 2001. O World Trade Center, símbolo do capitalismo americano, vem abaixo em consequência do pior ataque terrorista da história. O surpreendente São Caetano chega a mais uma final, agora contra o Atlético Paranaense, mas foi vice mais uma vez

2002

Conquistamos o pentacampeonato na primeira Copa do Mundo disputada na Ásia e dividida em duas sedes, Japão e Coreia do Sul. O time de Felipão saiu desacreditado de casa, reflexo do conturbado ano de 2001. Mas o técnico formou a chamada "Família Scolari" e fechou um grupo vencedor.
Na equipe, jogadores geniais, como o Fenômeno Ronaldo, Ronaldinho, Rivaldo, Cafu e Roberto Carlos, e peças de confiança do treinador, como o goleiro Marcos, o zagueiro Lúcio e o volante Gilberto Silva. Na final, contra a Alemanha, Ronaldo marcou dois, tornando-se artilheiro e grande herói da conquista.
Por aqui o Santos fornece oxigênio ao futebol com um grupo de garotos, como Robinho e Diego, que leva o título brasileiro, comandado por Leão, que se recupera do fiasco na seleção brasileira. O Corinthians se sagra campeão da Copa do Brasil, contra o surpreendente Brasiliense. Palmeiras e Botafogo são rebaixados e envergonham suas torcidas.
Longe da bola, o corintiano Lula vence a eleição presidencial, em sua quarta tentativa de chegar ao Palácio do Planalto. Na TV estreia o *BBB* na TV Globo e o filme *Cidade de Deus* é sucesso de público e crítica, sendo aclamado em Cannes.

©GETTY IMAGES

© RENATO PIZZUTTO

©RICARDO CORRÊA

É o Lula lá! Finalmente, após três tentativas, o corintiano Luís Inácio Lula da Silva é eleito presidente do Brasil. Ronaldo levanta a taça de nossa quinta conquista mundial e o Santos encanta com os novos Meninos da Vila, Robinho e Diego

2003

O Brasil teve um ano azul. O Cruzeiro encheu a sala de troféus e conquistou a o Campeonato Mineiro, a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro, que a partir de então passava a ser disputado em pontos corridos. Palmeiras e Botafogo (campeão e vice da série B, respectivamente) voltam à primeira divisão. Uma tragédia marcou a disputa da quarta Copa das Confederações, vencida pela França. O camaronês Marc Vivien Foe morre de parada cardíaca durante a disputa da semifinal contra a Colômbia.
Daiane dos Santos conquista a medalha de ouro no mundial de ginástica artística, consagrando o salto duplo twist carpado. Michael Schumacher vence seu sexto título mundial de F1. Uma tragédia marca a volta da nave Columbia à Terra, que explode matando seus sete tripulantes.

© REPRODUÇÃO

© EUGÊNIO SÁVIO

© GETTY IMAGES

O camaronês Marc Vivien Foe morre de parada cardíaca durante partida contra a Colômbia pela Copa das Confederações, em 2009. Alex comemora o Brasileirão, no ano da tríplice coroa cruzeirense, e Daiane dos Santos ensina o país a gostar de ginástica artística

2004

Foi ano do maior acidente natural da história. Um terremoto de magnitude 9,4 na escala Richter, em dezembro, provoca um tsunami devastador para os países do Sudeste Asiático, provocando a morte e desaparecimento de cerca de 296 mil pessoas, desabrigou 1,8 milhão de vítimas e causou prejuízos de quase 11 bilhões de dólares. O mundo revive o terror, em Madri: explosões em quatro estações de metrô deixam 193 mortos e mais de 2 mil feridos.
No futebol, o Santos leva o Brasileirão, em sua segunda disputa por pontos corridos. Destaque para Washington, do Atlético Paranaense, que supera problemas cardíacos e se torna artilheiro da competição com 34 gols. A nota triste foi a morte do zagueiro Serginho, do São Caetano, que sofreu um ataque cardíaco fulminante em jogo contra o São Paulo, no Morumbi.

Duas cenas trágicas: o lateral Serginho, do São Caetano, sofre ataque cardíaco durante uma partida com o São Paulo no Morumbi. Na Ásia, territórios imensos são varridos por um tsunami, provocando a morte de milhares de pessoas e desabrigando milhões

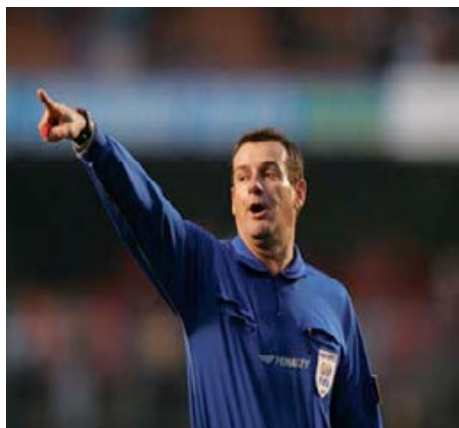
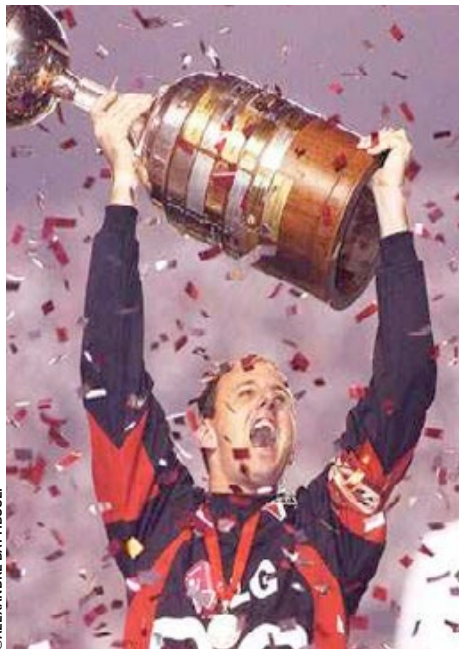
© RENATO PIZZUTTO

© GETTY IMAGES

2005

Foi um ano em que inauguramos a rotina de escândalos de corrupção, com a revelação de um dos maiores esquemas ilegais da história, o Mensalão. O ex-deputado Roberto Jefferson denunciou o esquema de pagamento de propinas por apoio ao governo do PT. O Campeonato Brasileiro ficou marcado por um escândalo de manipulação de resultados capitaneado pelo árbitro Edilson Pereira de Carvalho. Onze jogos com participação dele foram anulados e remarcados, o que acabou beneficiando o Corinthians, que se tornou campeão.
O São Paulo conquista a Libertadores e o Mundial de Clubes da Fifa. Sagrou-se três vezes campeão sul-americano e mundial, considerando as duas copas intercontinentais de 1992 e 1993. Ronaldinho Gaúcho foi eleito pela segunda vez o melhor do mundo. A seleção conquista a Copa das Confederações na Alemanha, goleando a Argentina por 4 x 1 na final. O Grêmio disputa um jogo épico, chamado de "Batalha dos Aflitos", e garante a volta à série A, terminando o jogo com apenas sete jogadores
O mundo fica mais triste com a morte do papa João Paulo II, aos 84 anos. O alemão Joseph Ratzinger, que adotou o nome de Bento XVI, torna-se o novo sumo pontífice.

Edilson Pereira de Carvalho, o pivô do escândalo de arbitragem e manipulação de resultados que mudou os rumos do Brasileirão, e Rogério Ceni, herói tricolor que comandou o São Paulo na conquista de duas taças no ano: Libertadores e Mundial

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

© EDISON VARA

Gremistas explodem em louca alegria num dos jogos mais épicos da história, a "Batalha do Aflitos", em que o Grêmio, com sete em campo, conseguiu voltar para a série A. Roberto Jefferson, o deputado que entregou o esquema do Mensalão

DOSSIÊ
ANOS 2000

2006

Foi ano de Copa do Mundo, e a seleção chegou à Alemanha como favorita, mas a equipe, comandada por Parreira, teve uma preparação conturbada, num clima de festa na Suíça. Ronaldo Fenômeno se apresentou acima do peso e craques como Kaká, Adriano e Ronaldinho não funcionaram. Paramos nas quartas, vencidos pela França, com Zidane desequilibrando. A Itália foi a campeã, vencendo a França nos pênaltis, numa final marcada pela cabeçada intencional de Zidane no peito de Materazzi, após provocação do italiano. Lamentamos as mortes de Telê Santana e do humorista Bussunda, durante cobertura da Copa da Alemanha para a Globo, vítima de um ataque cardíaco. O Brasileirão, vencido pelo São Paulo, passa a ter 20 clubes, mantendo os pontos corridos. O Internacional levou a Libertadores e o Mundial de Clubes.

© RICARDO CORRÊA

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Zinedine Zidane, nosso carrasco, consola Zé Roberto, após ajudar a nos despachar de mais uma Copa. Festa mesmo fizeram Buffon, que levou a Itália ao tetra, e Rodrigão, que faturou a Libertadores e o Mundial com o Internacional

2007

O Brasil organizou e sediou os jogos Pan-Americanos. Fomos bem e conquistamos 52 medalhas de ouro e 152 no total. O futebol feminino levou o ouro, empolgando a torcida ao vencer os Estados Unidos na final no Maracanã, com direito a transmissão comandada por Galvão Bueno na Globo. Diego Hypólito também orgulhou a torcida e se tornou o primeiro ginasta brasileiro a ganhar um ouro em Pan-Americanos. Na natação, Thiago Pereira conquistou sete medalhas, sendo cinco de ouro, e o então novato César Cielo ficou com três de ouro e uma de prata.Com quatro rodadas de antecedência, o São Paulo ganha seu quinto título brasileiro. A nota triste foi o rebaixamento do Corinthians, que vivia um clima de incertezas, com denúncias de lavagem de dinheiro da MSI e elenco fraco.

© EDISON VARA

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

O Corinthians caiu: ninguém acreditava, mas o Timão sucumbiu ao elenco limitado e à má gestão. Por outro lado, foi ano de Pan-Americano e o futebol feminino, de Marta, levou o ouro, bem como Diego Hypólito, na ginástica artística, e Thiago Pereira, recordista com sete medalhas conquistadas

© COB

2008

Uma crise financeira ganha dimensões mundiais após a quebradeira de bancos no Estados Unidos. Num efeito dominó, economias de quase todos os países foram afetadas, incluindo o Brasil, que estagnou. Barack Obama é eleito o primeiro presidente negro dos Estados Unidos, fazendo história e contagiando o mundo com seu slogan "Yes, we can". Por outro lado, quem saiu de cena foi Fidel Castro, que entregou o comando do país a seu irmão Raúl.
Foi ano de Olimpíada, em Pequim, na China. O Brasil conquista 15 medalhas. César Cielo, nos 50 m livres, Maurren Maggi, no salto em distância, e o vôlei feminino trazem o ouro. O futebol levou o bronze. O São Paulo conquista o tricampeonato no Brasileirão e o sexto na sua história. O Vasco cai para a série B e o Corinthians faz o caminho de volta para a série A.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© GETTY IMAGES

Nosso "showman" Ronaldinho Gaúcho acena com a medalha de bronze em Pequim no peito. Não foi dessa vez que conseguimos o sonhado ouro olímpico no futebol. Mas o ouro chegou com César Cielo, o atleta mais rápido do mundo nos 50 m livre

2009

O Flamengo conquistou o Campeonato Brasileiro, após 17 anos, numa arrancada desde a zona de rebaixamento. O Fluminense quase cai, mas se salva milagrosamente na última rodada. O Vasco conquista com facilidade a série B e retorna à elite. Ronaldo volta a jogar no Brasil e pelo Corinthians, causando grande empolgação. O Fenômeno manda bem e ajuda a equipe a ganhar a Copa do Brasil e o Campeonato Paulista. O Cruzeiro perde a Libertadores em final contra o Estudiantes, da Argentina.
Choramos a morte de Michael Jackson. O ídolo pop estava preparando sua volta aos palcos, mas um overdose de remédios provocou uma parada cardíaca. Um avião da Air France, que havia saído do Rio de Janeiro com destino a Paris, cai no Oceano Atlântico, causando a morte de 228 pessoas.

©RENATO PIZZUTTO

© GETTY IMAGES

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Um ídolo pop, Ronaldo Fenômeno desembarca por aqui. Mesmo pesadão, bateu um bolão e ganhou dois títulos pelo Corinthians. Um ídolo se foi: Michael Jackson morre de overdose. E o Cruzeiro lamenta a perda da Libertadores para o Estudiantes-ARG

No topo do mundo

Na década de 2000, jogadores brasileiros (Ronaldo, Ronaldinho e Kaká) foram eleitos como os melhores do mundo pela Fifa, mostrando a força do nosso futebol e deixando saudades dessa época

Ronaldinho e a pedalada que desconcertou os ingleses na Copa de 2002

© RICARDO CORRÊA

A EUROPA PAROU PARA REVERENCIAR RONALDINHO

Grande revelação do Grêmio e já uma realidade na seleção brasileira em 1999, Ronaldinho Gaúcho recebeu propostas de clubes do mundo todo e acabou entrando numa batalha com o Grêmio por sua liberação. Tanto que ficou seis meses sem jogar em 2001 até resolver o imbróglio e acertar sua ida para o Paris Saint-Germain. Na França, o craque encantou a todas rapidamente com seus dribles e belos gols. Com o título mundial com a seleção brasileira na Copa de 2002 e o fraco nível da Liga Francesa, o PSG ficou pequeno para R10. Assim, em julho de 2003, Ronaldinho rumou para o Barcelona. No clube catalão, fez história: recolocou o time no topo do futebol mundial e tornou-se o bruxo, com suas jogadas imprevisíveis, cheias de magia e genialidade. Dribles, passes e gols bonitos tornaram-se marca de R10 e exemplo para jovens, inclusive Messi. Para completar, carregou o time nas conquistas do bicampeonato espanhol (2005/06) e do título da Liga dos Campeões da Europa em 2006. Foi eleito duas vezes o melhor jogador do mundo pela Fifa, em 2004 e 2005, só perdendo o tri em 2006 (foi 3º), por causa do mau desempenho na Copa do Mundo da Alemanha. Em 2008, após uma temporada ruim, Ronaldinho foi para o Milan, mas nem de longe lembrou o jogador do Barça.

Ronadinho encantou os europeus com lances mágicos, jogando no PSG de 2001 a 2003, no Barcelona de 2003 a 2008 e no Milan de 2008 a 2010

"RONALDINHO COM CERTEZA FOI O MELHOR DELES. NÃO DÁ PARA COMPARAR COM NENHUM OUTRO. ERA INTELIGENTE EM CAMPO, TINHA RAPIDEZ NO RACIOCÍNIO, ERA DECISIVO... COMPLETO EM TODOS OS SENTIDOS."

© GIULIANO BEVILACQUA

© JGETTY IMAGES

© REUTERS

Em 19 de novembro de 2005, na vitória do Barcelona por 3 x 0, Ronaldinho foi aplaudido de pé pela torcida do Real Madrid no Santiago Bernabéu após suas jogadas impressionantes

A SIMPLICIDADE QUE GANHOU O MUNDO

Revelado pelo São Paulo e sem tanto alarde, o meia Kaká ganhou destaque quando entrou nas partidas finais do Torneio Rio-São Paulo, em 2001, ajudando o tricolor a ganhar o título. No ano seguinte, foi convocado por Felipão para a Copa do Mundo e, como reserva, voltou com o título mundial. Desejado por vários clubes, Kaká acabou vendido ao Milan pouco depois, no início de 2004, por um valor considerado irrisório para a época (8 milhões de dólares). No clube italiano, rapidamente, ganhou notoriedade com seu futebol de muita técnica, precisão e objetividade. Com cara de menino e muito simples nas palavras e até em campo, Kaká foi campeão italiano em sua primeira temporada. Na seleção, brilhou na Copa das Confederações de 2005, sendo um dos pilares do time ao lado de Ronaldinho Gaúcho. No Mundial da Alemanha, em 2006, porém, não foi tão decisivo, assim como o resto do time, mas logo em seguida, na temporada 2006/07, foi artilheiro e campeão da Liga dos Campeões com o Milan, ganhando depois o prêmio de melhor jogador do mundo. Vendido ao Real Madrid por 65 milhões de euros, acabou prejudicado pelas lesões e não rendeu o esperado.

© RICARDO CORRÊA

© RICARDO CORRÊA

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© BEST PHOTO AGENCY

O garoto Kaká atuando pelo São Paulo, no começo dos anos 2000. Pela seleção, na Copa de 2006, e conquistando a Champions, em 2007

© RICARDO CORRÊA

O RESSURGIMENTO DUPLO DO FENÔMENO

Um dos maiores ícones dos anos 1990, Ronaldo começou a década de 2000 praticamente no limbo, tido por muitos como um ex-atleta, já que ficara quase dois anos sem atuar por causa de duas lesões seguidas no joelho. No início de 2002, ainda longe da forma física e técnica ideal, Ronaldo voltou a jogar com mais frequência e acabou convocado por Felipão para a Copa do Mundo. Desacreditado, o Fenômeno mostrou um poder de recuperação impressionante. No Mundial, deu a volta por cima e foi o artilheiro, com oito gols, alguns deles decisivos. Contratado pelo Real Madrid após a Copa, o atacante foi bem no time dos galácticos e no fim do ano levou o prêmio de melhor jogador do mundo. Em 2007, aos 30 anos, deixou o clube merengue e acertou com o Milan, mas sua volta ao futebol italiano foi inexpressiva. Um ano depois, em dezembro de 2008, foi apresentado pelo Corinthians e, mesmo visivelmente fora de forma, foi ovacionado pela torcida, tornando-se um fenômeno de marketing no clube. Em campo, Ronaldo, mesmo gordinho, teve lampejos de craque e ganhou dois títulos pelo clube.

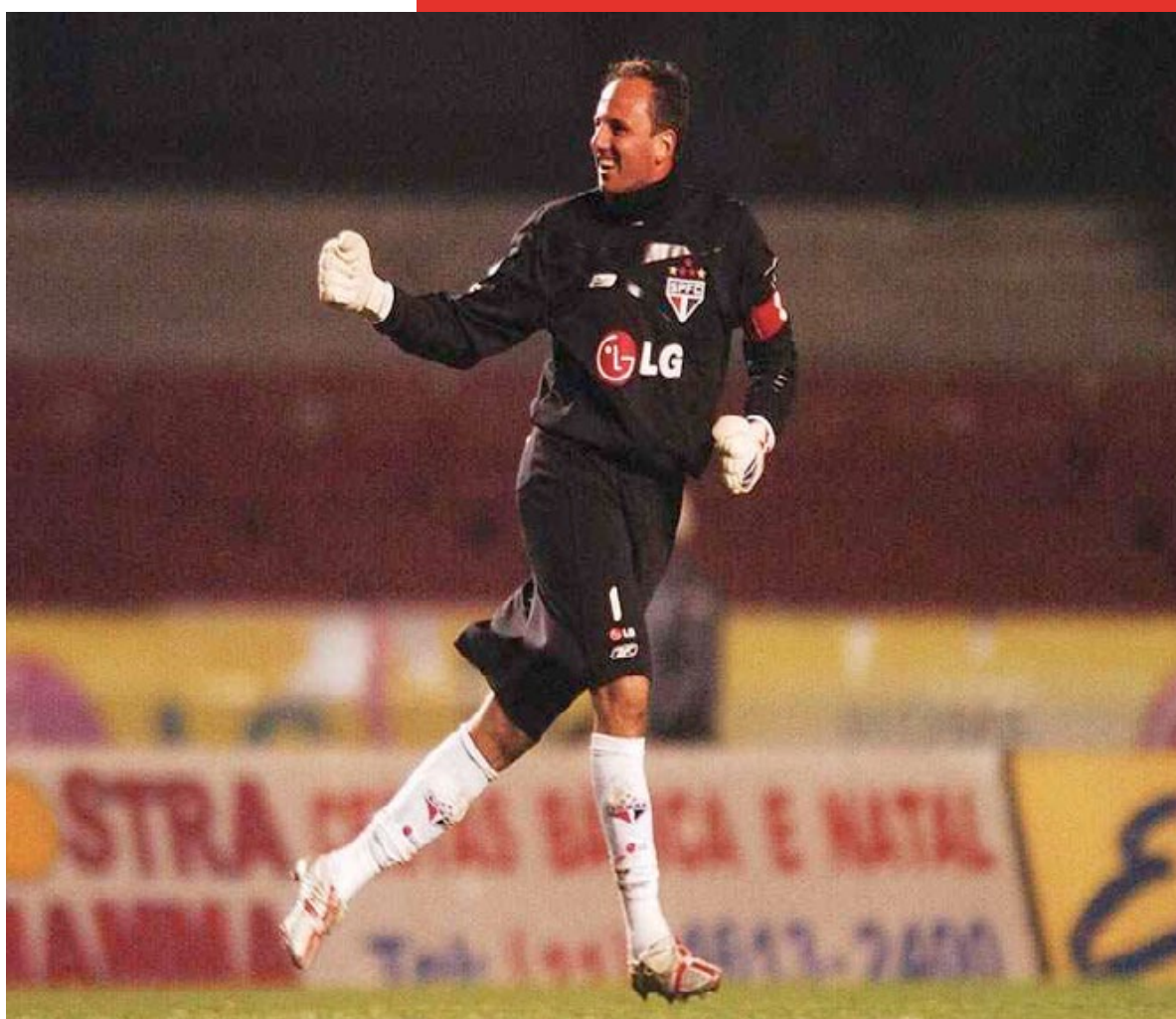
Ronaldo: dois gols na final e penta no Japão. Momento de desespero: uma segunda contusão pela Inter de Milão quase custou a Copa de 2002. E destaque entre os "galácticos" do Real Madrid

"ESSA FOI UMA DÉCADA EM QUE TIVEMOS GRANDES TALENTOS INDIVIDUAIS. ISSO FEZ TODA A DIFERENÇA. HOJE ISSO É MAIS ESCASSO E SURGIRAM TAMBÉM CRAQUES EM OUTROS PAÍSES. QUEM IMAGINARIA QUE O BRASIL FOSSE LEVAR UM BAILE DA BÉLGICA EM 2018?"

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

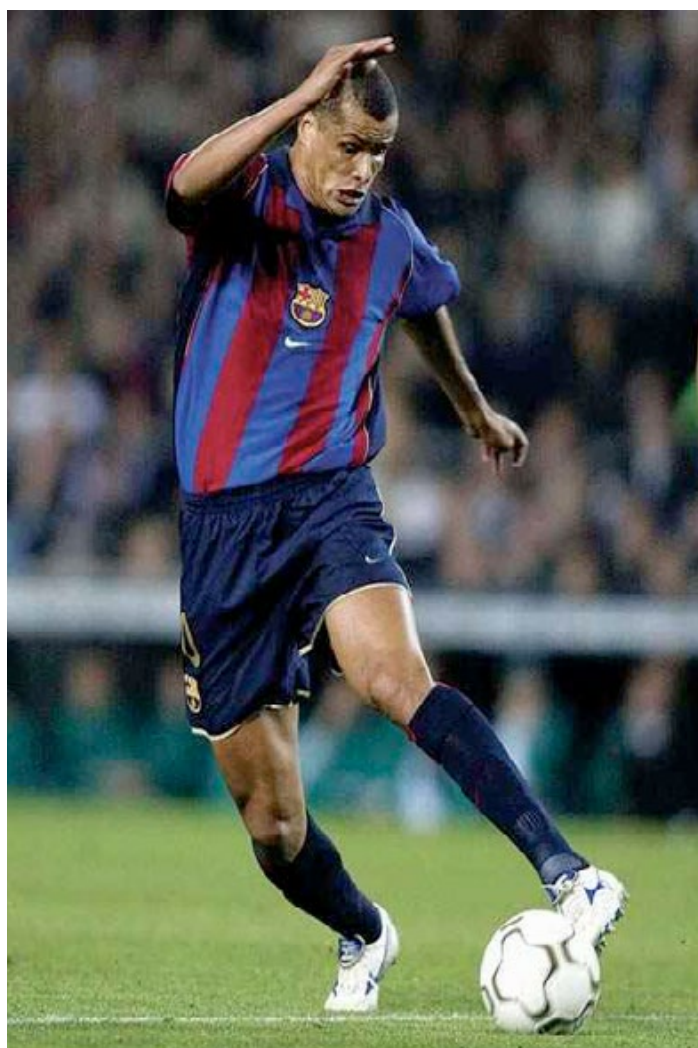
O MITO QUEBRADOR DE RECORDES

Caso raro de perseverança no esporte, o ex-goleiro Rogério Ceni alcançou seus objetivos e tornou-se um marco na história do São Paulo e do futebol mundial. Goleiro recordista de gols marcados (com 132), Ceni brilhou na década com a camisa do tricolor, sendo titular em todo o período e fundamental nas conquistas do Torneio Rio-São Paulo (2001), do Campeonato Paulista (2000 e 2005), do tricampeonato brasileiro (2006, 2007 e 2008), como capitão do time – e, principalmente, nos títulos da Libertadores e do Mundial de Clubes de 2005. Na decisão, inclusive, teve uma atuação impecável, parando o ataque do Liverpool e ganhando o prêmio de melhor jogador. Sua defesa numa cobrança de falta do inglês Gerrard está gravada na memória do são-paulino até hoje. Reserva da seleção brasileira nas Copas de 2002 e 2006, Ceni não teve tanto sucesso por lá quanto teve no São Paulo. Mas isso pouco importou para o polêmico e autêntico goleiro, que seguiu sua obstinação pelo clube de coração, onde ganhou o apelido de Mito. Jogador com mais partidas disputadas na história do clube (1 237 jogos), Ceni encerrou sua carreira apenas em 2013, aos 42 anos, deixando números e recordes que dificilmente serão superados.

O "Mito" ergue a taça do Mundial em 2005 e, ao lado, comemora mais um dos seus 132 gols na carreira

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

O VERDADEIRO CRAQUE DA COPA DE 2002

Um dos principais nomes da seleção brasileira e do futebol mundial no fim dos anos 1990, o meia-atacante Rivaldo começou o século XXI sendo artilheiro da Liga dos Campeões da Europa de 2000 com dez gols, quando era o principal nome do Barcelona. Apesar da grande fase, o jogador chegou à Copa do Mundo de 2002 sem a mesma panca de outros jogadores, como o ascendente Ronaldinho Gaúcho e o centroavante Ronaldo, que voltava a ser titular com Felipão. Mas, no Mundial do Japão e da Coreia do Sul, o camisa 10, aos 30 anos, acabou sendo o grande nome da seleção com passes, gols e dribles. Nos cinco primeiros jogos, marcou gol em todos eles, sendo fundamental na difícil vitória sobre a Bélgica, nas oitavas, e na virada sobre a Inglaterra, nas quartas. Na final, participou também dos dois gols de Ronaldo. Após a Copa, o tímido Rivaldo foi vendido para o Milan, onde ganhou na temporada seguinte (2002/03) a Champions League, mas sem o protagonismo dos tempos de Barcelona. Em 2004, voltou ao Brasil, para uma rápida passagem pelo Cruzeiro. Em seguida, foi para o Olympiakos, da Grécia, onde reencontrou o bom futebol, mas num país sem o mesmo destaque das grandes ligas.

© RICARDO CORRÊA

© GETTY IMAGES

© GETTY IMAGES

O voleio de Rivaldo contra a Turquia, na Copa do Mundo, 2002; pelo Barcelona no mesmo ano; e atuando pelo Milan, em 2004

O herói que acabou como vilão

Considerado o melhor lateral esquerdo do mundo por vários anos, Roberto Carlos estava no auge de sua carreira no início dos anos 2000. Campeão da Liga dos Campeões de 2000 e 2002 pelo Real Madrid, o brasileiro fez uma grande Copa do Mundo também em 2002, onde foi um dos titulares do time de Felipão no penta. Voando com a camisa 3 do Real, o lateral permaneceu no time espanhol até 2007, quando completou dez anos como titular, com 527 jogos disputados e 70 gols marcados. Aos 34 anos, Roberto Carlos se transferiu para o Fenerbahçe, da Turquia, onde jogou ainda mais duas boas temporadas. Na seleção brasileira, porém, acabou tendo um desempenho ruim na Copa de 2006, na Alemanha, e ficou com a imagem arranhada na eliminação para a França, quando se distraiu ajeitando os meiões e não acompanhou o atacante Henry, na jogada do gol da vitória francesa. O jogo, aliás, foi o último de sua brilhante passagem pela seleção, onde fez 125 jogos, tornando-se o segundo jogador com mais partidas disputadas, atrás apenas de Cafu (142 jogos).

Roberto Carlos: trajetória brilhante pelo Real Madrid e pela seleção – com apenas uma pisadinha na bola

Robinho, pela seleção: ele viveu grande fase entre os anos 2002 e 2008

O REI DAS PEDALADAS FOI LONGE, MAS...

Grande sensação do Campeonato Brasileiro de 2002, o atacante Robinho, com então 18 anos, encantou os torcedores santistas com seus dribles ousados, principalmente sua característica pedalada – como na entortada sobre o lateral Rogério, do Corinthians, na final. Apontado por muitos como um sucessor de Pelé, Robinho brilhou também no ano seguinte, quando levou o Santos à final da Libertadores. Em 2004, com 20 anos, mostrou seu lado goleador e conduziu o Peixe para outro título do Brasileirão. Grande estrela do futebol nacional, o atacante foi vendido em 2005 para o Real Madrid, onde ganhou a camisa 10, com a esperança de se tornar o melhor jogador do mundo. Reserva na Copa de 2006, o atacante teve um início discreto no time merengue, mas melhorou na segunda temporada, quando foi campeão espanhol em 2007. No mesmo ano, foi eleito o craque da Copa América, da qual foi também artilheiro e campeão. Em 2008, após uma temporada ruim, o atacante foi vendido ao Manchester City, aonde chegou marcando gols e destacando-se. Na segunda temporada, porém, caiu muito de produção, dando início à fase de empréstimos e seguidas transferências, sem repetir o brilho do começo da carreira.

Dida, com o troféu da Champions League de 2007: vencedor

© BEST PHOTO AGENCY

O goleiro mais vitorioso do futebol brasileiro

Destaque de Vitória, Cruzeiro e Corinthians nos anos 1990, o goleiro Dida teve outra década brilhante nos anos 2000, novamente com Corinthians, seleção brasileira e, principalmente, com o Milan. Campeão do Mundial de Clubes da Fifa com o Corinthians em 2000, pegando pênalti na decisão contra o Vasco, o goleiro foi ainda campeão paulista em 2001 e da Copa do Brasil e do Torneio Rio-São Paulo em 2002. No mesmo ano, como reserva, participou da campanha do pentacampeonato mundial da seleção brasileira. Em 2003, aos 30 anos, foi em definitivo para o Milan (que o havia emprestado para o Lugano, da Suíça, em 1998/99). Em grande fase, o baiano ganhou a vaga de titular e foi um dos heróis da conquista do time rubro-negro da Liga dos Campeões de 2003, quando defendeu três pênaltis na final contra a Juventus, do goleiro Buffon. Titular da seleção brasileira na conquista da Copa das Confederações de 2005, Dida foi também o camisa 1 na Copa do Mundo de 2006. Na temporada 2006/07, voltou a conquistar a Liga dos Campeões pelo Milan, onde jogou até 2011, aos 38 anos, com 302 jogos disputados.

Surge a Rainha Marta, a melhor de todos os tempos

Com apenas 14 anos, a alagoana Marta fez sua estreia no time feminino principal do Vasco, em 2000, chamando atenção por sua grande técnica e habilidade. Convocada pela seleção brasileira pela primeira vez em 2002, a jogadora deu início a um ciclo vitorioso, jamais visto. Contratada pelo Umea UK, da Suécia, em 2004, a atacante ganhou projeção mundial no time europeu, quando foi campeã da Liga dos Campeões da Europa em sua primeira temporada. Em 2006, aos 20 anos, foi eleita pela Fifa como a melhor jogadora do mundo. No ano seguinte, foi vice-campeã mundial com a seleção brasileira e novamente premiada pela Fifa. Em 2008, ganhou sua segunda prata olímpica (a primeira foi em 2004) e outra vez coroada como a melhor jogadora. Em 2009, de volta ao Brasil, foi campeã da Libertadores feminina pelo Santos, ganhando o tetra do prêmio da Fifa, tornando-se a rainha do futebol feminino. Ainda na ativa, em 2018, aos 32 anos, foi eleita a melhor jogadora do mundo pela quinta vez. Maior artilheira da Copa do Mundo feminina (15), a jogadora é também a recordista de gols pela seleção (110).

© GETTY IMAGES

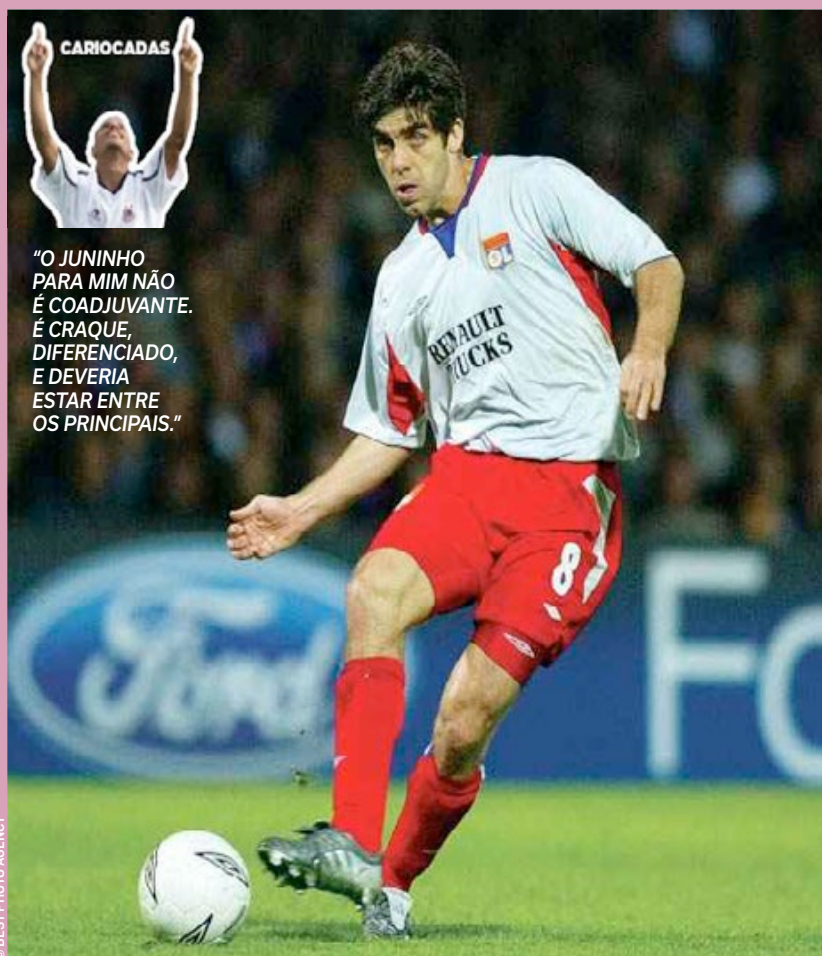
© GETTY IMAGES

Marta, nossa heroína, comemora um dos seus 110 gols pela seleção brasileira. Ao lado, com Canavarro, em 2006, ambos eleitos os melhores do mundo

Eles também brilharam

A lista dos coadjuvantes da década conta com jogadores que se destacaram nas conquistas da seleção brasileira e em clubes europeus, mas também outros que se sobressaíram pelos clubes daqui

© BEST PHOTO AGENCY

© EDUARDO MONTEIRO

O REIZINHO DA COLINA E TAMBÉM DE LYON

Um dos principais nomes do Vasco nas conquistas do Brasileiro (1997) e da Libertadores (1998), o meia Juninho Pernambucano voltou a ser fundamental nos títulos conquistados pelo clube no início da década de 2000, na Copa João Havelange e na Copa Mercosul. Após seis boas temporadas pelo clube, Juninho recebeu propostas do exterior e entrou em conflito com o Vasco, sendo um dos primeiros jogadores do país a conseguir a liberação do passe na Justiça. Após quatro meses sem jogar, o meia foi depois para o Lyon, onde tornou-se ídolo e um dos maiores jogadores da história do futebol francês ao se destacar como o principal nome na incrível conquista do heptacampeonato nacional, entre 2002 e 2008. Autor de 100 gols pelo time, muitos deles de falta, Juninho Pernambucano deixou o clube em 2009, aos 34 anos, para jogar no Al Gharafa, do Catar. Na seleção brasileira, o meia foi convocado pela primeira vez em 1999, por Vanderlei Luxemburgo, mas acabou ficando de fora da lista de Felipão para 2002. Com Parreira, em 2003, voltou a ser convocado, sendo campeão da Copa das Confederações de 2005 e reserva da Copa do Mundo da Alemanha, em 2006, quando fez um gol de falta contra o Japão, na primeira fase.

Juninho, brilhou no Lyon da França por oito temporadas, mas antes foi o craque do Vasco da Gama

Década de glórias para Júlio César

Terceiro goleiro com mais jogos na história do Flamengo (284), atrás apenas de Cantarelli (557) e Zé Carlos (352), Júlio César foi o sucessor de Clemer no início da década de 2000 e um dos principais nomes do rubro-negro até 2005. Nesse período, destacou-se na campanha do tricampeonato carioca, em 2001, e nas campanhas dos Brasileiros de 2001, 2002 e 2004, ajudando o time a fugir do rebaixamento. Campeão da Copa América com a seleção brasileira em 2004, pegando pênaltis na semifinal (contra o Uruguai) e na final (contra a Argentina), Júlio César se transferiu para a Inter de Milão em 2005, onde foi pentacampeão italiano e, em 2009/10, campeão da Liga dos Campeões e do Mundial de Clubes da Fifa.

Júlio César: o 3º da posição com mais jogos pelo Flamengo

© EDUARDO MONTEIRO

O craque Alex entre jogadores do Boca Juniors na final da Libertadores, em 2000

© RICARDO CORRÊA

TALENTO INJUSTIÇADO POR FELIPÃO

Meia de técnica refinada e ótima visão de jogo, Alex foi um dos heróis do Palmeiras nos títulos das Copas do Brasil e Mercosul de 1998 e da Libertadores de 1999 com o técnico Luiz Felipe Scolari. Campeão da Copa América com a seleção brasileira, com o técnico Luxemburgo, Alex saiu do Palmeiras em 2000, após disputar e perder a Libertadores para o Boca Juniors, para defender o Flamengo, onde não teve uma boa passagem. De volta ao Palmeiras em 2001, levou o time à semifinal da Libertadores, mas com nova derrota para o Boca. Em 2002, depois de fazer parte do elenco que disputou as Eliminatórias, Alex acabou preterido por Felipão para a disputa da Copa do Mundo, numa decisão surpreendente, já que o meia havia trabalhado com o treinador, e com sucesso, por muitos anos no Palmeiras. Em 2003, de volta ao Brasil após curta passagem pelo Parma, Alex brilhou pelo Cruzeiro, sendo campeão mineiro, brasileiro e da Copa do Brasil. Convocado por Parreira para a seleção em 2004, Alex foi muito bem na conquista da Copa América daquele ano. Depois disso, foi contratado pelo Fenerbahçe, onde jogou até 2012, sendo tricampeão turco e um dos maiores ídolos da história do clube, com 185 gols marcados.

ANOS 2000
COADJUVANTES

HERÓI ALVIVERDE E TAMBÉM NACIONAL

Grande ídolo do Palmeiras nas campanhas da Libertadores de 1999 (campeão) e 2000 (vice), quando brilhou nas disputas de pênaltis, principalmente contra o rival Corinthians, o goleiro Marcos começou a década seguinte sendo campeão do Torneio Rio-São Paulo e da Copa dos Campeões. Convocado para a seleção brasileira pelo técnico Felipão, Marcos ganhou a disputa com Dida e Rogério Ceni e foi titular na Copa de 2002, onde acabou sendo um dos destaques na campanha do penta, principalmente nos jogos contra Bélgica, nas oitavas, e Alemanha, na final, onde não foi vazado. No mesmo ano, acabou rebaixado com o Palmeiras no Brasileirão e caiu definitivamente nas graças da torcida quando recusou propostas do exterior para ficar na série B em 2003.

© RICARDO CORRÊA

Marcos: um dos maiores goleiros de todos os tempos

"ENTRE DIDA, CENI E MARCOS, ACHO QUE O MARCOS TEVE PROJEÇÃO MAIOR – E, PELA CONQUISTA DA COPA, MERECIDAMENTE ESTÁ NA FRENTE DOS DOIS."

© RENATO PIZZUTTO

Luizão: artilheiro em todos os clubes pelos quais passou

O goleador de várias camisas

O atacante Luizão viveu grande fase pelo Corinthians entre 1999 e 2002, quando marcou 76 gols em 109 jogos e foi campeão brasileiro, do Mundial de Clubes, Paulista, do Rio-São Paulo e da Copa do Brasil. Na Libertadores, foi o artilheiro com 15 gols em 2000. Chegou à seleção brasileira nas Eliminatórias em 2001, fazendo gols decisivos. Reserva de Ronaldo na campanha do penta na Copa de 2002, Luizão passou depois por Grêmio, Hertha Berlim e Botafogo antes de voltar a ter um bom momento nos títulos Paulista e da Libertadores de 2005 pelo São Paulo. Em 2006, depois de passar por Nagoya Gramphus e Santos, foi campeão da Copa do Brasil pelo Flamengo.

© RICARDO CORRÊA

Ricardinho era um meia muito talentoso e inteligente

O MEIA DISCRETO, TALENTOSO E POLÊMICO

Campeão mundial de clubes em 2000 e do Paulistão de 2001, Ricardinho foi fundamental nos títulos da Copa do Brasil e Rio-São Paulo de 2002, pelo Corinthians, garantindo assim uma vaga na seleção que ganhou a Copa naquele ano. No Timão, foi acusado de dedurar companheiros e foi vendido ao São Paulo depois do penta, na maior transferência do futebol brasileiro – 6 milhões de dólares. Mas não foi bem como nos tempos do rival e em 2004 foi para o Middlesbrough-ING, onde ficou pouco, até voltar e ser um dos destaques do Santos no título do Brasileirão de 2004.

©EDUARDO MONTEIRO

Carlos Alberto: início inspirador, mas caiu de produção

CRAQUE QUE NÃO EXPLODIU

Uma das maiores revelações do Fluminense na década de 2000, o habilidoso meia Carlos Alberto, campeão carioca em 2002, foi comprado pelo Porto no início de 2004 e foi campeão nacional, da Liga dos Campeões (com gol na final) e do Mundial Interclubes logo em sua primeira temporada, comandado pelo técnico José Mourinho. Com apenas 20 anos, foi comprado em seguida pelo Corinthians, onde foi campeão brasileiro em 2005, chegando à seleção brasileira no período. Depois disso, no entanto, o jogador caiu de produção, discutiu com treinadores (entre eles Leão), perdeu a boa forma física e ficou só na promessa de ser um grande craque, rodando na sequência por diversos clubes sem sucesso, como São Paulo, Botafogo, Vasco, Grêmio e Bahia, entre outros.

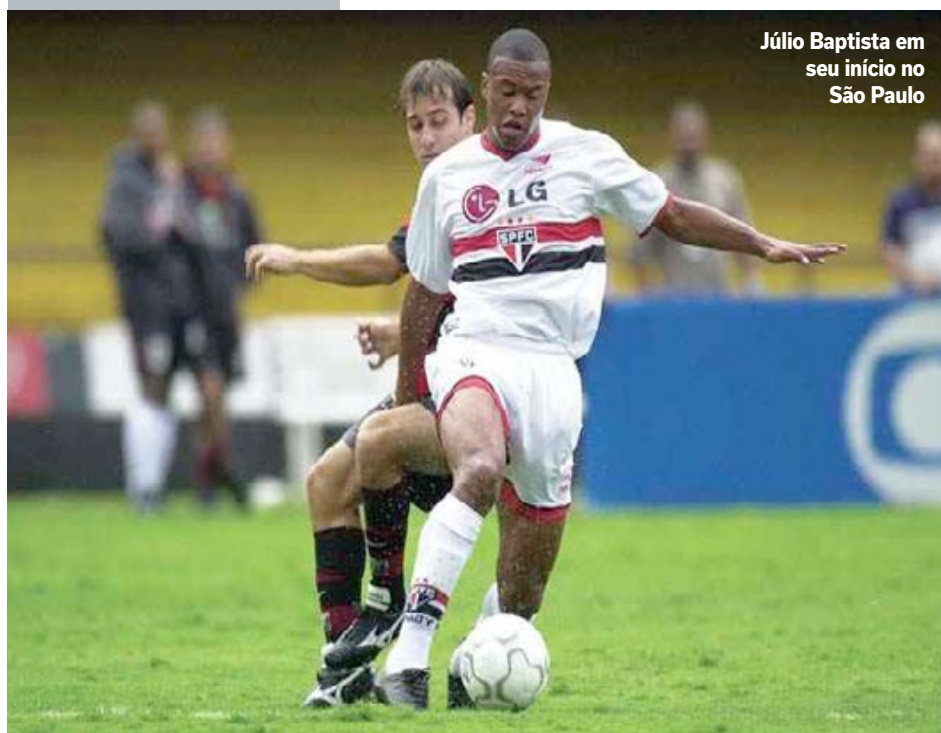
'La Bestia'

Revelado pelo São Paulo em 2000, o meia Júlio Baptista ganhou sua primeira chance na seleção brasileira em 2001, com 19 anos. No tricolor, jogou até 2003, quando foi comprado pelo Sevilla. Na Espanha, passou a jogar mais avançado e a marcar mais gols (foram 48 em 81 jogos pelo clube). Titular da seleção na conquista da Copa América de 2004 e campeão da Copa das Confederações de 2005, Júlio Baptista foi comprado pelo Real Madrid, onde ganhou o apelido de 'La Bestia' – a Fera, – pelo porte físico avantajado. Apesar do bom começo, o jogador acabou emprestado na temporada seguinte, em 2006, para o Arsenal, onde vestiu a 9. Fora da Copa de 2006, Júlio foi novamente campeão da Copa América. Em 2008, foi comprado pela Roma, onde ficou até 2011.

© RICARDO CORRÊA

Lúcio num dos jogos mais duros da Copa, em 2002, contra a Inglaterra

O Xerifão da década

Destaque do Internacional no fim dos anos 1990, o zagueiro Lúcio chegou à seleção brasileira em 2000 e logo em seguida (2001) foi vendido ao Bayer Leverkusen, da Alemanha. Vice da Liga dos Campeões e eleito o melhor jogador da Bundesliga em 2002, o zagueiro brilhou também na conquista do penta, na Copa do Mundo do Japão e da Coreia do Sul. Comprado pelo Bayern Munique, foi tricampeão alemão e titular até 2009, quando não teve o contrato renovado. Campeão da Copa das Confederações daquele ano, Lúcio foi para a Inter de Milão, onde brilhou novamente na conquista da Liga dos Campeões de 2010, ano em que jogou sua terceira Copa do Mundo pela seleção e como capitão.

Júlio Baptista em seu início no São Paulo

© RENATO PIZZUTTO

COADJUVANTES

PREDESTINADO MULTICAMPEÃO

Um dos jogadores com mais títulos no futebol mundial (22), Belletti teve uma carreira espetacular para um lateral-direito, que para muitos não tinha nada de craque. Depois de boas passagens por Cruzeiro, São Paulo e Atlético--MG nos anos 1990, o jogador acabou sendo uma das surpresas na convocação de Felipão na Copa de 2002, de onde saiu campeão mundial, como reserva do capitão Cafu. Contratado pelo Villarreal-ESP após a Copa, Belletti foi bem no time espanhol, sendo comprado, em 2004, pelo Barcelona. No time catalão, foi bicampeão espanhol e herói na final da Liga dos Campeões de 2006, quando marcou o gol do título contra o Arsenal. Em 2007, foi para o Chelsea, onde atuou até 2010, ano em que ganhou o título inglês. No mesmo ano, foi para o Fluminense e ganhou o Brasileirão.

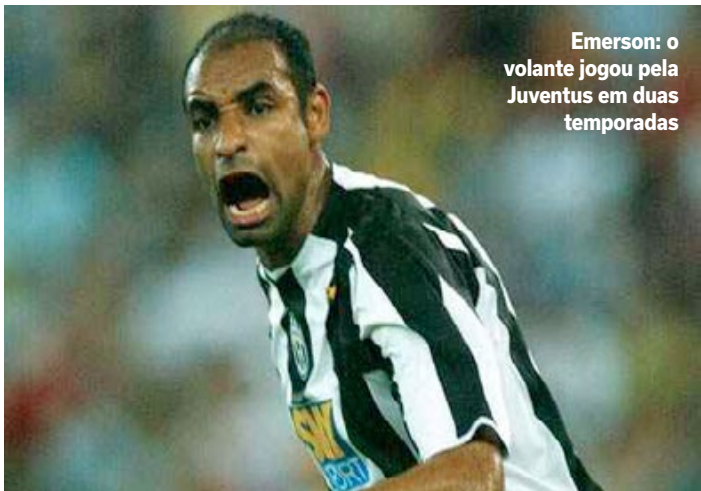
Beletti: carreira sólida e vencedora

© AFP

© GIULIANO BEVILACQUA

Daniel Alves nos tempos de Sevilla

Campeão por onde passou

Jogador com mais títulos na história do futebol mundial (40 até dezembro de 2018), o lateral direito Daniel Alves teve uma década sensacional. Campeão baiano e da Copa do Nordeste pelo Bahia no início da década, foi para o Sevilla, em 2002, e por lá ficou até 2008, sendo campeão da Copa da Uefa (duas vezes) e da Copa do Rei da Espanha. Campeão da Copa América com a seleção brasileira em 2004 e 2007 e da Copa das Confederações em 2005 e 2009, Dani Alves foi para o Barcelona em 2008, onde viveu sua melhor fase na carreira, sendo titular até 2016, e ganhando 23 títulos, sendo três mundiais, três Ligas dos Campeões e seis Espanhóis.

Emerson: o volante jogou pela Juventus em duas temporadas

SORTUDO OU AZARADO?

Grande revelação do Grêmio nos anos 1990, o volante e meia Emerson ganhou tudo pelo tricolor gaúcho antes de ir para o Bayer Leverkusen-ALE, em 1997, onde ficou até 2000. Com sorte, o jogador ganhou a vaga de Romário, cortado às vésperas da Copa de 1998. Contratado pela Roma em 2000, fez parte do histórico time campeão italiano de 2001. Em grande fase, foi convocado por Felipão para a Copa de 2002. Aí veio o azar, pois teve a infelicidade de ser cortado após machucar o ombro no treino, atuando como goleiro, nas véspera da estreia contra a Turquia, num recreativo de reconhecimento do gramado. Comprado pela Juventus em 2004, voltou à Copa do Mundo de 2006 como volante titular e camisa 5. Após o mundial, foi para o Real Madrid, onde ficou uma temporada, antes de ser comprado pelo Milan, em 2007.

SEMPRE ARTILHEIRO

Revelado pelo Joinville, o atacante Deivid ganhou destaque pelo Santos em 1999 e depois, principalmente, pelo Corinthians, entre 2001 e 2002, quando foi campeão da Copa do Brasil e do Torneio Rio-São Paulo. Na Copa do Brasil, foi artilheiro com 12 gols, marcando em todas as partidas da semifinal e final. Contratado pelo Cruzeiro em 2003, o centroavante fez mais uma temporada sensacional, sendo campeão Mineiro, da Copa do Brasil e do Brasileirão. O jogador teve uma rápida passagem pelo Bordeaux, antes de voltar ao Santos, em 2004, para ser novamente campeão brasileiro. Em 2006, após o empréstimo ao time paulista, Deivid jogou no Sporting-POR, antes de ser comprado pelo Fenerbahçe-TUR, onde atuou até 2010, quando foi para o Flamengo.

FABULOSO ARTILHEIRO

Centroavante brigador e artilheiro nato, Luis Fabiano foi revelado pela Ponte Preta no final dos anos 1990 e chegou ao São Paulo em 2001, por empréstimo do Rennes, da França, ganhando o Torneio Rio-São Paulo e caindo nas graças da torcida. Com 118 gols em 160 jogos até 2004, Luis Fabiano brilhou pelo clube, mas deixou o time sem ter conseguido conquistar outro título. No mesmo ano, foi campeão da Copa América e transferiu-se para o Porto, onde ficou apenas uma temporada. Em 2005, chegou ao Sevilla, onde fez jus ao apelido de Fabuloso. Em seis anos, marcou 112 gols, conquistou duas Copas da Uefa e duas Copas da Espanha, tornando-se o maior artilheiro estrangeiro da história do time. Campeão e artilheiro da Copa da Confederações de 2009, foi titular da seleção também na Copa do Mundo de 2010.

Luis Fabiano fez história com a camisa do Sevilla

©AP

O polêmico Gladiador

Atacante de muita velocidade e boa finalização, Kléber ganhou destaque em 2003, quando foi campeão mundial sub-23 e virou titular do São Paulo, que chegou em terceiro no Brasileirão e se classificou para a Libertadores. No ano seguinte, foi vendido ao Dynamo Kiev, onde foi bicampeão nacional e tri da Copa da Ucrânia. Em 2008, o atacante voltou ao Brasil e defendeu o Palmeiras, por empréstimo, até o fim do ano. Campeão paulista e um dos destaques do time na temporada, Kléber se destacou pelo estilo brigador em campo, muitas vezes, até com excesso e muitos cartões. Apelidado de Gladiador, foi para o Cruzeiro em 2009, sendo campeão mineiro e um dos melhores atacantes do Brasileirão daquele ano.

Deivid, agradecendo aos céus por mais um gol

© RICARDO CORRÊA

Kléber Gladiador posa para Placar no antigo Parque Antártica

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

A geração “vitoriosa”

A década de 2000 revelou nomes que formaram a base da seleção brasileira nas Copas de 2014 e 2018, como jogadores talentosos, de sucesso na Europa, mas que não vingam nos mundiais

© MIGUEL SCHINCARIOL

© RENATO PIZZUTTO

“NEYMAR FOI O MAIOR DELES, SEM DÚVIDA. NASCEU COM TODOS OS FUNDAMENTOS E TALENTO. MAS O PATO FOI UM BOM JOGADOR, GANSO TAMBÉM. DESTACO O WILLIAM E O JADSON TAMBÉM.”

O CRAQUE PRECOCE QUE VIROU SENSAÇÃO MUNDIAL

Desde muito cedo, aos 9 anos, o garoto Neymar já aparecia em noticiários esportivos sendo apontado como uma grande promessa para o futebol brasileiro. O tempo foi passando e o menino foi ganhando status e dinheiro no Santos, mesmo antes de se tornar profissional. Em março de 2009, o jovem atacante, aos 17 anos, fez sua estreia no time profissional. Habilidoso, técnico e com dribles desconcertantes, Neymar rapidamente virou titular do time santista. No mês seguinte, em abril, disputou sua primeira final, mas acabou vendo o Corinthians, do fenômeno Ronaldo, levar o título do Campeonato Paulista. Franzino, Neymar chegou a ser apelidado pelo técnico Vanderlei Luxemburgo de “Filé de Borboleta” e começou um tratamento de fortalecimento para ganhar massa muscular. Apesar da pouca idade, Neymar disputou 49 jogos no ano e marcou 15 gols. Em 2010, já mais adaptado, disputou 65 jogos, marcou 44 gols e chegou à seleção brasileira. Com 18 anos, chegou a ser cogitado para ir à Copa do Mundo da África do Sul, mas acabou preterido pelo técnico Dunga. Dali em diante, o jogador estourou de vez: ganhou a Libertadores pelo Santos, virou titular da seleção e foi para a Europa, sendo destaque no Barcelona e no PSG nos anos seguintes.

O garoto Neymar nas categorias de base do Peixe e já com o uniforme do time principal: talento precoce

PATO VEIO, MAS FICOU POUCO

Tido como grande promessa pelos dirigentes do Internacional, o atacante Alexandre Pato subiu ao time profissional com apenas 16 anos, no final de 2006, sendo relacionado para o Mundial de Clubes. Quando estreou no time principal, marcando gol e dando duas assistências em apenas 13 minutos em campo contra o Palmeiras, na goleada por 4 x 1 em São Paulo, Pato causou espanto. Titular do Inter em 2007, Pato foi rapidamente vendido ao Milan, onde ganhou a camisa 7, do ídolo Shevchenko. No time italiano, em 2008, o atacante teve também um início arrasador, que o levou à seleção brasileira. Apesar disso, foi preterido por Dunga para a Copa de 2010, ano em que começou a cair surpreendentemente de rendimento no Milan, sofrendo com algumas lesões.

Pato: início arrasador no Internacional

© EDISON VARA

Ganso, atuando pelo Santos: jogador clássico

© PEDRO RUBENS

A volta do clássico camisa 10

Um jogador fora de sua época. Assim parecia Paulo Henrique Ganso quando despontou pelo Santos. Com grande visão de jogo, passes precisos e muita calma, o jovem meia foi uma das gratas revelações do final da década, fazendo uma grande dupla com Neymar. Seu estilo de jogo, sem muita correria e de pouca participação na parte defensiva, lembrou o dos clássicos camisas 10 dos anos 1970 e 1980. Para alguns treinadores e torcedores, no entanto, Ganso era visto como um jogador lento e pouco participativo, o que acabou pesando na sua carreira, principalmente no futebol europeu, onde foi malsucedido na Espanha e na França.

Thiago Silva: um "Monstro" no Fluminense

© PEDRO MARTINELLI

O MONSTRO DA ZAGA TRICOLOR QUE VIROU CAPITÃO

Revelado pelo Juventude, em 2004, quando fez um bom Brasileirão, o zagueiro Thiago Silva foi vendido para o Porto, mas acabou jogando na equipe portuguesa em 2005. Pouco depois, acabou emprestado para o Dynamo Moscou, onde teve problemas de saúde (tuberculose inclusive) e pouco jogou. De volta ao Brasil, em 2006, conseguiu, finalmente, recuperar seu futebol no Fluminense e passou a chamar atenção pela qualidade técnica, tanto na marcação e nos desarmes quanto na saída de bola. Em 2007, foi campeão da Copa do Brasil e ganhou o apelido de Monstro. Em 2009, após ser vice da Libertadores, foi vendido ao Milan.

ANOS 2000
REVELAÇÕES

MUITO MAIS QUE SÓ PARCEIRO DE ROBINHO

Talentoso meia, de muita velocidade, dribles curtos e belos gols, Diego estreou no Santos com apenas 16 anos, em 2002, e meses depois, então com 17 anos, foi campeão brasileiro como titular, tornando-se o mais jovem a levantar o título em campo. Parceiro de Robinho naquele time de garotos do Santos que surpreendeu o Brasil, Diego foi vendido ao Porto, onde teve também grande destaque, sendo campeão mundial em 2004. No mesmo ano, foi campeão da Copa América pela seleção brasileira. Em 2006, já no Werder Bremen, conduziu o time ao improvável título alemão, sendo o grande nome da conquista. Seu bom futebol o levou depois à poderosa Juventus-ITA, mas lá não teve muito sucesso e acabou até perdendo a chance de ir para a Copa do Mundo de 2010.

Diego: voando no seu início pelo Santos

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© EUGÊNIO SÁVIO

Fred nasceu artilheiro no América Mineiro

O goleador dos pontos corridos

Quando marcou um gol pelo América-MG, logo aos 3 segundos de jogo, numa partida da Copa São Paulo de 2003, o atacante Fred mostrou que era um jogador diferenciado. Contratado em 2004 pelo Cruzeiro, foi artilheiro da Copa do Brasil do ano seguinte com o recorde de 15 gols. Ainda em 2005, foi vendido ao Lyon-FRA, onde ficou por quatro temporadas. Convocado por Parreira para a seleção em 2005, Fred foi para a Copa do Mundo da Alemanha, em 2006, como reserva de Ronaldo (e marcou até um golzinho). De volta ao Brasil em 2009, Fred tornou-se ídolo no Fluminense, onde foi bicampeão brasileiro, tornando-se depois o maior artilheiro na era dos pontos corridos.

Jô: sempre bom de mira

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

PREDESTINADO E LONGEVO

Jogador mais novo a vestir a camisa do Corinthians e também o mais jovem a marcar pelo clube, o atacante Jô estreou pelo clube em 2003, aos 16 anos. Grandalhão, ainda não era um centroavante e jogava mais aberto, quando tinha, inclusive, mais velocidade. Parceiro de Tévez no título brasileiro de 2005, o jogador foi vendido depois ao CSKA Moscou e depois passou por clubes da Europa, como o Manchester City, Everton-ING e Galatasaray-TUR, antes de retornar ao futebol brasileiro, onde depois foi campeão da Libertadores pelo Atlético-MG em 2013 e do Brasileiro de 2017 pelo Corinthians, além de ser convocado para a Copa de 2014.

DO TERRÃO PARA A EUROPA

Destaque do Corinthians na conquista da Copa São Paulo de juniores de 2005, o talentoso meia Willian subiu para o time principal em 2006, num período de vacas magras do Timão, que foi mal no Campeonato Brasileiro. Ainda assim, mesmo com 18 anos, o jogador conseguiu se destacar. Em 2007, jogou ainda mais uma temporada no ano em que o Corinthians foi rebaixado e depois foi vendido ao Shakhtar Donetsk, da Ucrânia. Por lá, jogou entre 2007 e 2013, chamando a atenção do Anzhi-RUS e, posteriormente, do Chelsea-ING, aonde chegou em 2013 e ganhou grande projeção, virando, inclusive, nome certo na seleção brasileira – disputou as Copas do Mundo de 2014, no Brasil, e 2018, na Rússia.

DESCONHECIDO AQUI, CRAQUE LÁ

Depois de ser dispensado das categorias de base do São Paulo, o zagueiro David Luiz conseguiu se profissionalizar pelo Vitória, onde fez uma temporada em 2006, chamando a atenção do Benfica, mas passando, até certo ponto, despercebido pelo futebol brasileiro. Em Portugal, virou rapidamente titular e destaque do time por cinco temporadas, entre 2006 e 2011. Em 2010, mesmo não sendo tão reconhecido aqui, acabou convocado para a seleção brasileira no período de renovação após a Copa da África do Sul. Em seguida, foi para o Chelsea, onde tornou-se ídolo da torcida e também por onde ganhou seus principais títulos, como a Liga dos Campões de 2012. Pouco depois, porém, apesar de chegar em alta, acabou como um dos vilões da seleção brasileira na humilhante derrota por 7 x 1 na Copa de 2014.

David Luiz: saiu cedo do Brasil para uma carreira vencedora na Europa

© GETTY IMAGES

O sucessor de Roberto Carlos no Real

Promovido ao elenco profissional pelo técnico Abel Braga em 2005, com apenas 17 anos, o lateral esquerdo Marcelo jogou pouco tempo pelo Fluminense (apenas 30 jogos), antes de ser vendido ao Real Madrid, em 2006, que já pensava na peça de reposição para o lateral Roberto Carlos. No clube espanhol, Marcelo soube esperar pacientemente sua vez, até se tornar titular, em 2008. Rápido, habilidoso e com bons passes, Marcelo seguiu os passos de Roberto Carlos não só no Real, e pouco depois se consolidou como titular da seleção brasileira. Promessa na década de 2000, Marcelo virou referência nos anos 2010, sendo considerado o melhor da posição no futebol mundial, mesmo sem ter o mesmo sucesso que Roberto Carlos com a amarelinha.

Willian: cria do terrão corintiano

© RENATO PIZZUTTO

Marcelo: da escola de ótimos laterais esquerdos brasileiros

© DARYAN DORNELLES

Evolução dos professores

Felipão conquistou o mundo, fez sucesso em Portugal e dirigiu um time de ponta na Inglaterra. Já o campeoníssimo Luxemburgo foi dirigir o Real Madrid, numa década com técnicos valorizados

© RICARDO CORRÊA

Fim de jogo no Japão: Felipão finalmente se solta em sorrisos. A "família Scolari" estava em festa

O ESTILO SCOLARI CONQUISTOU O MUNDO

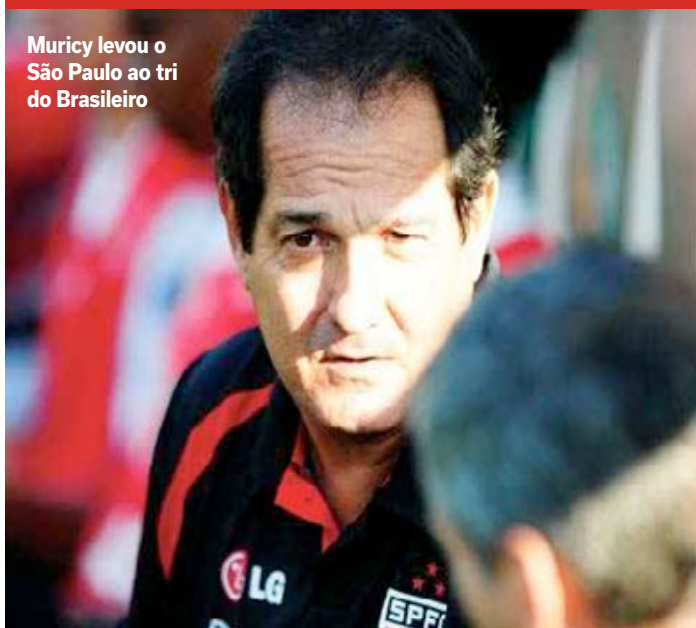
Técnico de enorme sucesso nos anos 1990, com Grêmio e Palmeiras, quando foi campeão da Libertadores com os dois times, Felipão chegou ao comando da seleção brasileira numa situação de emergência e, com seu estilo paizão linha-dura, fez mais sucesso ainda. Após levar uma desacreditada seleção ao mundial de 2002, Luiz Felipe criou a chamada "família Scolari", que voltou da Copa do Mundo do Japão e da Coreia do Sul com o penta, numa campanha com 100% de aproveitamento. Em alta, o treinador recebeu o nobre convite de treinar a seleção portuguesa e por muito pouco não ganhou a Euro de 2004 – foi vice, em casa, após perder para a zebra Grécia, nos pênaltis. Pouco depois, na Copa do Mundo da Alemanha, Felipão levou a seleção de Cristiano Ronaldo à semifinal. Após a Euro de 2008 (onde caiu nas quartas), o técnico fez história ao ser o primeiro brasileiro a dirigir um time da poderosa Liga Inglesa. Mas, apesar de conseguir bons resultados no início, "Big Phil" acabou demitido do Chelsea após sete meses. Pouco depois, em 2009, recebeu uma proposta milionária do Bunyodkor, do Uzbequistão, para ser o técnico mais bem pago do mundo – cerca de 16,6 milhões de euros por temporada.

LUXA FOI DO CÉU AO INFERNO

Após brilhar nos anos 90, Vanderlei Luxemburgo sofreu seu primeiro baque na carreira após ser demitido da seleção pela má campanha na Olimpíada de Sydney, em 2000. Em pouco tempo, porém, o treinador se reergueu, ganhou um Paulistão pelo Corinthians (2001), a tríplice coroa em 2003 com o Cruzeiro (Brasileirão, Copa do Brasil e Mineiro) e o Brasileirão, pelo Santos, em 2004. Em alta, recebeu o inusitado e honroso convite para dirigir o Real Madrid, dos galácticos Zidane, Beckham, Figo, Ronaldo e Roberto Carlos. No time merengue não foi bem, derrapou no idioma espanhol e foi demitido após um ano, apontado como um dos maiores fiascos do clube. De volta ao Brasil, ganhou ainda os Paulistas de 2006 e 2007 (com o Santos) e 2008 (Palmeiras).

PUPILO DE TELÊ DESABROCHOU

Ex-auxiliar de Telê Santana, Muricy Ramalho não vingou quando teve que assumir o time principal do São Paulo em meados dos anos 1990. Depois disso, rodou por pequenas equipes (Ituano, Botafogo-SP e Portuguesa Santista), até conseguir sucesso com o Náutico, onde foi bicampeão estadual em 2001 e 2002, o São Caetano (campeão paulista em 2004) e o Inter (campeão gaúcho em 2003 e 2005 e vice do Brasileirão em 2005). Mas foi no São Paulo que o treinador se consagrou após um retorno triunfante. Mesmo com estilo de jogo criticado por muitos (o defensivo Muricybol), o técnico ganhou um inédito tricampeonato brasileiro com o tricolor paulista (2006, 2007 e 2008), montando um time praticamente imbatível nos pontos corridos. A falta de resultados expressivos em torneios de mata-mata, porém, abreviou sua passagem pelo São Paulo na década.

Muricy levou o São Paulo ao tri do Brasileiro

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Do Rio Grande do Sul para o Brasil

Apesar de ter começado a carreira de técnico nos anos 1990, foi na década de 2000 que Tite passou a fazer sucesso. Pelo Caxias, surpreendeu e ganhou o Gauchão em 2000. Em seguida, levou outra vez o Estadual, além da Copa do Brasil, em 2001, pelo Grêmio, credenciando-se como um dos técnicos da vez. Tite treinou depois o São Caetano e chegou ao Corinthians pela primeira vez em 2004, onde fez um bom trabalho, antes de ser demitido por Kia Joorabchian, que preferiu apostar no argentino Daniel Passarella. Depois, Tite passou ainda por Atlético-MG, Palmeiras e Al Ain-EAU, mas sem grande destaque. Em 2008, de volta ao Brasil, levou o Inter ao título da Copa Sul-Americana. No ano seguinte, foi campeão gaúcho e vice da Copa do Brasil, voltando ganhar destaque.

Vamos imaginar o diálogo: "Hablas espanhol? Não? Nem eu!"

© GETTY IMAGES

Tite, quando treinador do Inter, em 2008

© EDISON VARA

O LEÃO RUGIU MAS VIROU GATINHO

Emerson Leão teve alguns momentos brilhantes e outros de puro fiasco na década. Adepto do estilo linha-dura, o treinador, que costumava ser grosso no trato com jornalistas e jogadores estrangeiros, chegou à seleção brasileira em 2001 após um bom trabalho pelo Sport. Mas seu reinado durou pouco. Depois de apenas nove jogos, Leão foi demitido após a Copa das Confederações. Em baixa, Leão foi treinar o Juventude na final da temporada. Em 2002, foi para o Santos e fez um ótimo trabalho, revelando Diego e Robinho e levando o time ao título brasileiro. No Peixe, foi ainda vice-campeão da Libertadores em 2003. Pouco depois, passou por Cruzeiro e São Paulo, onde foi campeão paulista em 2005, antes de começar sua queda na carreira, treinando sem o mesmo brilho outros clubes, como Palmeiras, São Caetano, Corinthians e Atlético-MG.

Leão orienta Diego em uma boa fase no Santos

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© EDISON VARA

Abel, um técnico vencedor nos anos 2000

Finalmente chega a vez de Abelão

Zagueiro de sucesso nos anos 1970, defendendo Vasco e PSG, Abel Braga começou cedo sua carreira de treinador, em 1985, aos 33 anos. Como técnico, demorou para vingar nos anos seguintes. Na década de 2000, no entanto, chegou a seu auge depois de levar o Internacional ao inédito título da Libertadores e do Mundial de Clubes, em 2006, em cima do poderoso Barcelona de Ronaldinho Gaúcho. Campeão gaúcho em 2008, Abelão ganhou ainda um Carioca pelo Flamengo em 2004. Técnico muito querido por jogadores e torcedores, Abel viria a brilhar novamente no início da outra década, de 2010, quando foi campeão brasileiro pelo Fluminense.

Mano Menezes: escola gaúcha de bons técnicos

© DANIEL AUGUSTO JUNIOR / SCCP

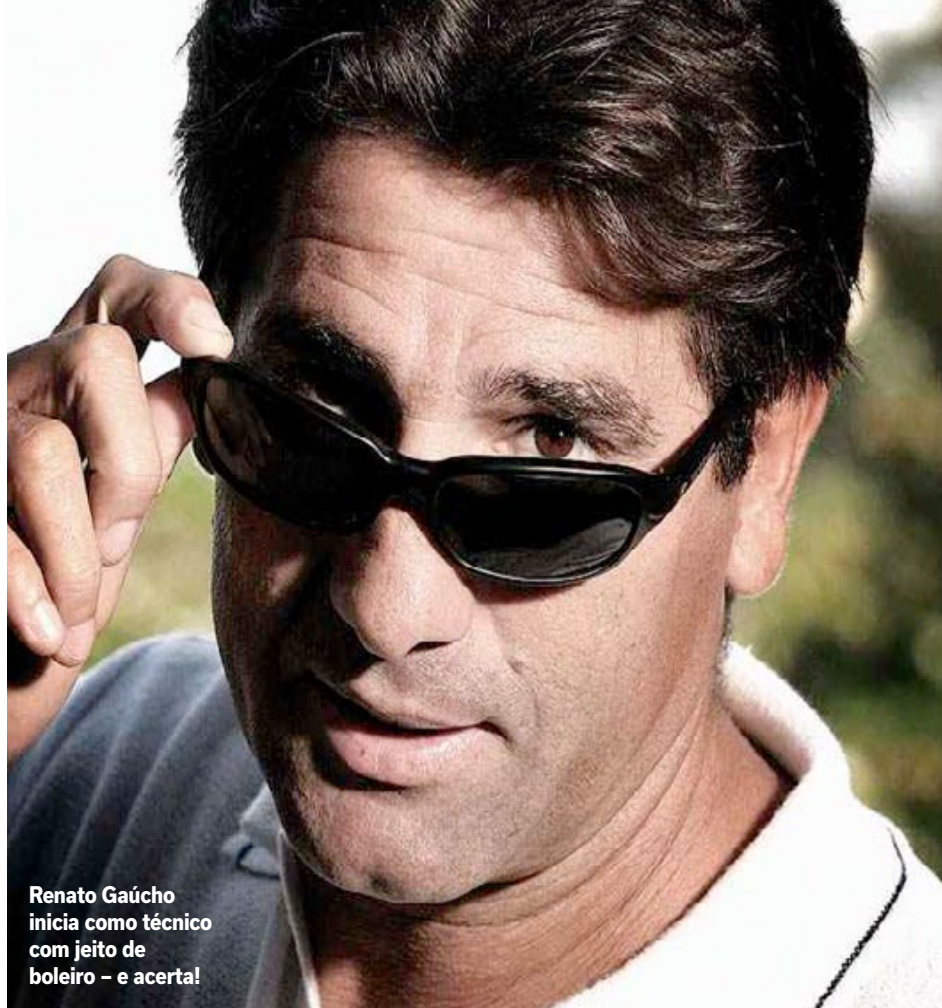
MAIS UM DA VITORIOSA ESCOLA GAÚCHA

Depois de Felipão e Tite, foi a vez de o técnico Mano Menezes iniciar mais uma vitoriosa trajetória de um treinador gaúcho no futebol brasileiro. Após levar o modesto 15 de Novembro de Campo Bom-RS à semifinal da Copa do Brasil de 2004, Mano foi contratado pelo Grêmio, levando o time de volta à série A do Brasileirão, ao bicampeonato gaúcho (2006/07) e à final da Libertadores (2007). Contratado pelo Corinthians, ganhou novamente a série B em 2008 e depois, em 2009, o Paulistão e a Copa do Brasil, antes de chegar à seleção brasileira.

O EXPERIENTE DELEGADO AINDA DEU CALDO

Delegado de formação, Antonio Lopes rodou por muitos clubes do Rio de Janeiro nos anos 1980 e 1990, conquistando títulos importantes, como o Brasileiro de 1997 e a Libertadores de 1998 pelo Vasco. Na década de 2000, já experiente, foi à Copa do Mundo de 2002 para ser auxiliar-técnico de Felipão e voltou como campeão. Depois disso, fez mais alguns bons trabalhos, como na conquista do Carioca de 2003, pelo Vasco, e do Paranaense de 2004, pelo Coritiba. Em 2005, levou o desacreditado Atlético-PR à final da Libertadores (perdeu para o São Paulo) e, pouco depois, ganhou o Brasileirão pelo Corinthians, aos 64 anos.

O delegado Antonio Lopes só não mandava prender no Corinthians

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Renato Gaúcho inicia como técnico com jeito de boleiro – e acerta!

O fanfarrão se tornou professor

Pouco depois encerrar sua carreira de jogador, em 1999, o polêmico e folclórico Renato Gaúcho deu início à vida de técnico, dirigindo o pequeno Madureira, onde adquiriu experiência. Em seguida, foi para o Fluminense, mas sem grande sucesso. Em 2005, acertou com o Vasco e ganhou destaque após chegar à final da Copa do Brasil de 2006. No ano seguinte, de volta ao Fluminense, levou o time ao inédito título da Copa do Brasil. Dois anos depois, em 2009, com o mesmo Flu, foi para a final da Libertadores, onde acabou derrotado pela LDU Quito, nos pênaltis, no Maracanã. O belo trabalho no período fez com que Renato deixasse a fama de fanfarrão e apenas motivador, para ser visto como um técnico inteligente e moderno. Uma boa prévia, aliás, do que viria a se tornar alguns anos depois, quando foi campeão da Libertadores de 2017 com o Grêmio.

Geninho quando treinador do Corinthians: novo fôlego

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

GENINHO BRILHOU COM O FURACÃO, MAS DEPOIS...

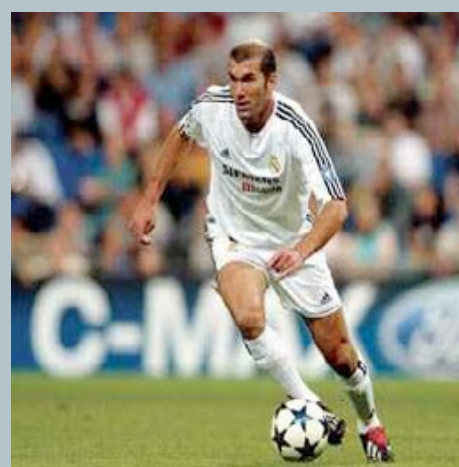
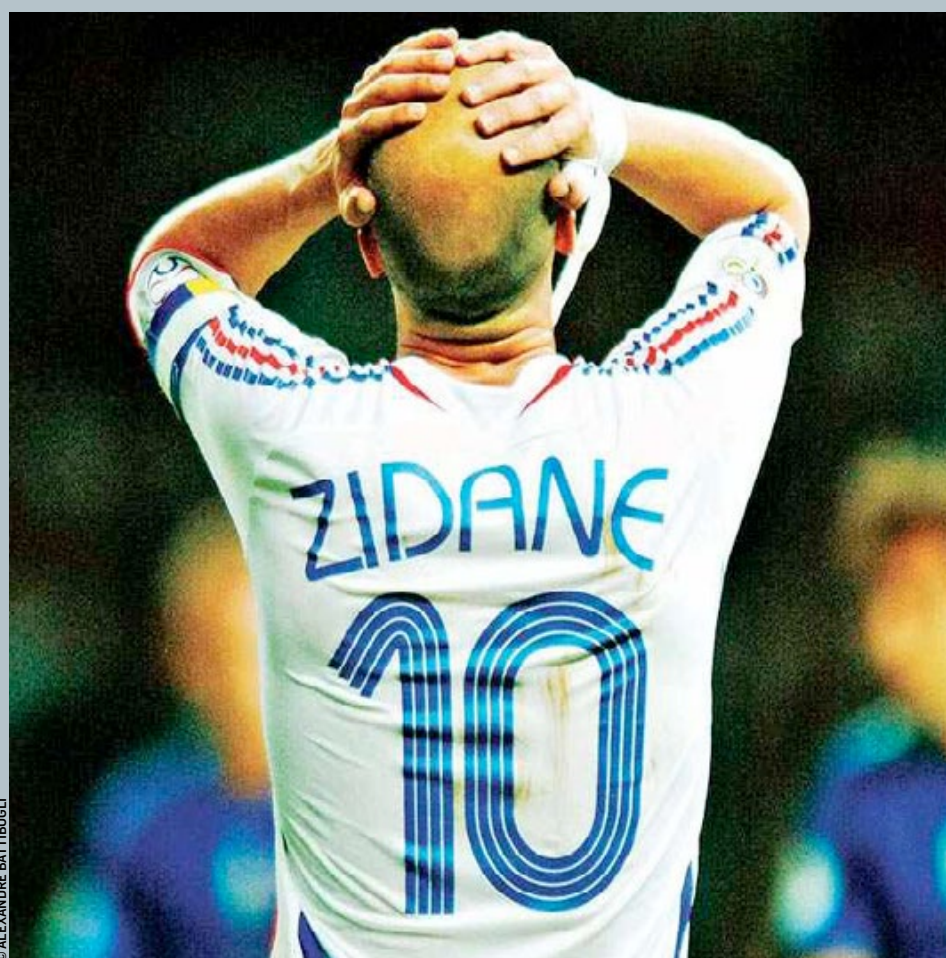
Treinador que dirigiu diversos clubes do Brasil, principalmente do Paraná e de São Paulo, nos anos 1980 e 1990, Geninho começou a ganhar destaque no cenário nacional em 2000, com o Paraná, quando ganhou o título da série B, e principalmente com o Atlético-PR, em 2001, quando ganhou o Brasileirão de forma surpreendente. Campeão Paulista de 2003 com o Corinthians, Geninho dava pinta de que seria um dos técnicos do momento. Mas, surpreendentemente, teve uma queda muito grande após ser eliminado da Libertadores de 2003 com o Corinthians, diante do River Plate. Depois disso, passou por Vasco, Goiás, Sport, Atlético-MG, Botafogo e Náutico, sem conseguir o mesmo sucesso que teve no início dos anos 2000.

Década dos gênios

Os anos 2000 começaram com a soberania do francês Zidane e terminaram com o incrível duelo entre o português Cristiano Ronaldo e o argentino Messi pelo posto de melhor jogador do mundo

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

©PIER GIORGIO GIAVELLI

©REPRODUÇÃO

ZIZOU SOBROU, REINOU E CAUSOU NA DESPEDIDA

Carrasco da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1998, ao marcar dois gols na final, o francês Zinedine Zidane voltou a nos assombrar na década seguinte. Craque da Juventus no início dos anos 2000, o volante foi o grande nome da seleção francesa na conquista da Euro de 2000, quando foi eleito o melhor jogador do mundo pela segunda vez, depois de 1998. Comprado pelo Real Madrid em 2001, aos 30 anos, por 77 milhões de euros, na maior transferência do futebol mundial da época, Zidane foi também o principal nome do time dos "Galácticos", que contava ainda com Ronaldo, Figo, Roberto Carlos, Beckham e Raúl, entre outros. Autor de um gol antológico na final da Liga dos Campeões de 2002, Zidane voltou a ser eleito o melhor do mundo ao fim de 2003. Jogador de extrema classe técnica, dribles desconcertantes e passes precisos, Zidane fez sua última temporada em 2006, despedindo-se do futebol na Copa do Mundo da Alemanha. Aos 34 anos, o talentoso Zizou liderou a seleção francesa no mundial e fez mais um jogo impecável contra o Brasil, quando deu o passe para o gol da vitória de Henry nas quartas. Na final, contra a Itália, Zidane deu uma cabeçada no zagueiro Materazzi, sendo expulso na prorrogação.

Zidane tinha tudo para se consagrar na final da Copa de 2006, mas, imprudentemente, tascou uma cabeçada em Materazzi, após ser provocado. Foi expulso e se ofuscou. Nada que apagasse suas glórias pelo Real Madrid

O GAJO DE OURO DE PORTUGAL

Depois de estrear no Sporting, com apenas 17 anos, em 2002, o atacante Cristiano Ronaldo chamou a atenção do técnico Alex Ferguson, que o levou para o Manchester United já na temporada seguinte. Jogador de muitos recursos, o português ganhou destaque rapidamente no futebol inglês e na seleção portuguesa, onde foi vice da Euro de 2004 e semifinalista da Copa do Mundo de 2006. Pelo Manchester, ganhou o Campeonato Inglês e a Liga dos Campeões em 2008 e foi eleito pela primeira vez o melhor jogador do mundo. Na temporada seguida, foi comprado pelo Real Madrid pela quantia recorde de 94 milhões de euros, dando início a uma história brilhante no clube espanhol.

Cristiano Ronaldo em 2008, pelo Manchester United: brilhante

©PIER GIORGIO GIAVELLI

O começo do genial Messi pelo Barcelona

© GIULIANO BEVILACQUA

Talento de outro planeta

Levado para o Barcelona com apenas 14 anos, o argentino Messi foi tratado como joia rara nas categorias de base e em pouco tempo mostrou que todo o investimento e toda a expectativa tinham valido a pena. Após estrear com 16 anos, em 2003, Messi ganhou espaço entre os craques do time, até virar titular, de fato, em 2006, aos 19 anos, para jogar ao lado de Ronaldinho. Após a saída do brasileiro, Messi virou protagonista e passou a fazer gols, muitos gols, além de suas jogadas geniais, que lhe renderam o apelido de E.T. Em 2009, após ganhar todos os títulos possíveis pelo Barcelona na temporada, foi eleito o melhor jogador do mundo pela primeira vez.

Figo na Euro 2000: segundo jogador com mais atuações por Portugal, com 127 jogos

© ALEXANDRER BATTIBUGLI

VIROU A CASACA PARA SER O MELHOR DO MUNDO

Maior revelação do futebol português depois de Eusébio, o meia Figo foi um dos destaques da década de 1990, atuando pelo Sporting e pelo Barcelona. Comprado em 2000 pelo rival Real Madrid, numa transferência polêmica e recordista para a época (60 milhões de euros), Figo deixou os barcelonistas revoltados. Principalmente depois do futebol apresentado no Real, onde foi eleito o melhor jogador do mundo em 2001 e ganhou a Liga dos Campeões em 2002. Entre 2005 e 2009, Figo também atuou (jogando muito) pela Internazionale de Milão.

GOLEIRO CAMPEÃO DE TUDO

Titular do Real Madrid com apenas 18 anos, na temporada 1999/2000, o goleiro espanhol Iker Casillas foi um dos principais nomes da posição, do Real Madrid e da seleção espanhola, na década de 2000. Seguro, tranquilo e em grande fase, Casillas tornou-se recordista de jogos pela Espanha e pelo Real, onde atuou até 2015, ganhando todos os títulos possíveis, entre eles três Ligas dos Campeões e seis Campeonatos Espanhóis. Capitão da seleção nas conquistas da Euro de 2008 e 2010, foi também fundamental no título da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul. Em 2015, aos 34 anos, foi para o Porto, onde segue como titular.

Casillas, goleiro recordista pela Espanha e pelo Real Madrid

© PIER GIORGIO GIAVELLI

GOLEADOR E ÍDOLO NO MILAN

Maior artilheiro da seleção ucraniana na história, o centroavante Shevchenko chegou ao Milan em 1999, aos 23 anos, depois de brilhar pelo Dynamo Kiev. Na equipe italiana, estreou sendo artilheiro da Série A (24 gols em 2000), ganhando logo a confiança da torcida. Em 2003, foi ainda um dos heróis do time no título da Liga dos Campeões em cima da Juventus. Em 2004, Sheva ganhou a Bola de Ouro na Europa e foi o terceiro melhor do mundo pela Fifa. Autor de 180 gols com a camisa rubro-negra, o ucraniano deixou o Milan e foi para o Chelsea. No time inglês, aos 30 anos, sofreu com algumas lesões e não teve o mesmo bom rendimento, voltando depois ao Milan, em 2008.

Shevchenko o incrível goleador ucraniano do Milan

© AFP

Ibrahimovic sempre foi polêmico, mas também foi autor de gols espetaculares durante a carreira

© GETTY IMAGES

O sueco vencedor

Jogador polêmico e de forte personalidade, o sueco Zlatan Ibrahimovic conquistou o mundo da bola com muitos gols e títulos. O grandalhão de 1,95 m mostrava técnica apurada para um centroavante alto e brilhou por onde passou, sendo campeão no Ajax, da Holanda (em 2002 e 2004), na Juventus (2005 e 2006, mas depois revogados) e na Inter de Milão (2007, 2008 e 2009), da Itália, e no Barcelona, da Espanha (2010). Autor de mais de 500 gols na carreira, Ibra ainda se destacou na década seguinte por Milan, Paris Saint-Germain, Manchester United e Los Angeles Galaxy, seu clube atual.

Outros destaques

CARIOCADAS

"PELA ORDEM, MINHA LISTA É ESTA: MESSI, CRISTIANO RONALDO, ZIDANE, FIGO, IBRAHIMOVIC, XAVI, RIQUELME, INIESTA, PIRLO E SHEVCHENKO."

© GIULIANO BEVILACQUA

Pirlo

Meio-campista de muita classe, bom fase e força nas bolas paradas, Pirlo brilhou pelo Milan, onde jogou entre 2001 e 2011, conquistando todos os títulos possíveis, e também pela seleção italiana, onde foi campeão da Copa do Mundo de 2006, na Alemanha.

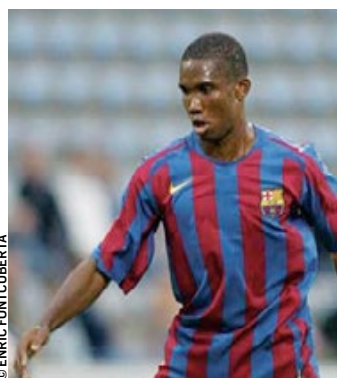
© GIULIANO BEVILACQUA

Iniesta

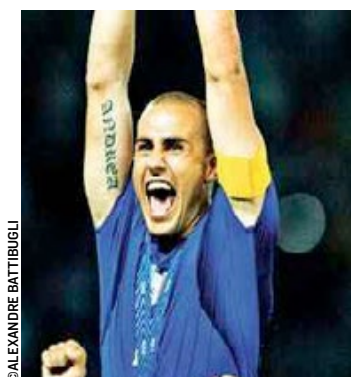
Revelado pelo Barcelona em 2002, o meia Iniesta foi um dos ícones do Barcelona na década de 2000 com sua técnica refinada e um toque de bola impressionante. Pela seleção espanhola, foi também um dos principais nomes das conquistas da Euro e da Copa do Mundo.

© BEST PHOTO

Gerrard

Volante que fez 710 jogos com a camisa do Liverpool, entre 1998 e 2015, Gerrard foi também um dos maiores nomes da seleção inglesa na década. Jogador técnico, com muita visão de jogo, o inglês foi o destaque do Liverpool no título da Liga dos Campeões de 2005.

© ENRIC FONTCUBERTA

Eto'o

Centroavante de ótimo preparo físico, muita velocidade e boa finalização, Samuel Eto'o foi o sucessor de Roger Milla na seleção de Camarões e um dos grandes nomes do Barcelona na década de 2000, quando fez ótimas parcerias com Ronaldinho Gaúcho e Messi.

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

Cannavaro

Zagueiro de muita classe e técnica, Fabio Cannavaro teve boas passagens pelo Parma, Inter de Milão e Juventus, até conquistar a Copa do Mundo de 2006 e ser eleito pela Fifa como o melhor jogador do mundo naquele ano. No Real Madrid, jogou ainda três temporadas.

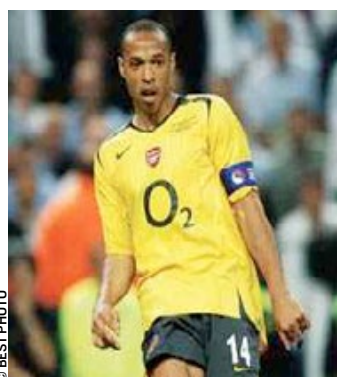
©AFP

Rooney

Atacante brigador, de muita luta e raça em campo, Rooney marcou 253 gols pelo Manchester United (onde jogou entre 2004 e 2017) e mais 53 pela seleção inglesa, tornando-se o maior artilheiro de todos os tempos tanto pelo clube quanto pela seleção.

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

Kahn

Goleiro titular e supercampeão com o Bayern Munique entre 1994 e 2008, Oliver Kahn foi muito bem também com a seleção alemã, onde jogou entre 1993 e 2006. Em 2002, foi eleito o melhor goleiro da Copa e o segundo melhor jogador do mundo pela Fifa.

© BEST PHOTO

Henry

Principal nome do Arsenal na década, com 226 gols marcados, o centroavante francês Thierry Henry foi eleito o segundo melhor jogador do mundo pela Fifa, em 2003 e 2004, e se tornou o maior artilheiro da seleção francesa na história, com 51 gols marcados.

©AFP

Riquelme

Um dos maiores carrascos do futebol brasileiro, o argentino Riquelme brilhou pelo Boca Juniors na década, ganhando três Libertadores, em 2000, 2001 e 2007. O talentoso meia ainda teve boas passagens no futebol espanhol, no Barcelona e, principalmente, no Villarreal.

©AFP

Klose

Artilheiro da Copa do Mundo de 2006 e o maior artilheiro na história das Copas e da seleção alemã, o centroavante Miroslav Klose teve também bom desempenho nos clubes pelos quais passou na década: Kaiserslautern, Werder Bremen e Bayern Munique.

© BEST PHOTO

Buffon

Titular da Juventus entre 1991 e 2018, o goleiro Buffon foi um dos maiores nomes do time na década e também da seleção italiana, onde foi campeão em 2006, na Alemanha. Foi eleito pela IFFHS o melhor da posição nas temporadas de 2003, 2004, 2006 e 2007.

© BEST PHOTO

Xavi

Volante de muita marcação, Xavi impressionou o mundo com seu passe preciso, sendo um dos jogador mais marcantes no Barcelona na época do tiki-taka e também na seleção espanhola que ganhou as Euros de 2008 e 2012 e a Copa do Mundo de 2010.

Legião estrangeira

Aumento no número de estrangeiros no futebol brasileiro foi considerável, pulando de 14, na primeira edição do Brasileirão por pontos corridos, para 48 na última edição da década, em 2009

A década de 2000 ficou marcada também no futebol brasileiro pelo grande número de jogadores estrangeiros que vieram para cá. Muitos de qualidade discutível e com passagens curtas. Outros, no entanto, deixaram boas recordações. Alguns até jogaram também nos anos 1990, como o colombiano Rincón, que levantou o troféu do Mundial de Clubes de 2000 para o Corinthians e que ainda passou por Santos e Cruzeiro. Os paraguaios Arce e Gamarra também seguiram bem no início da década. O lateral direito, que chegou ao Palmeiras em 1998, ajudou o time a ganhar a Copa dos Campeões e o Rio-São Paulo em 2000 e ir à final da Libertadores naquele ano. Em 2002, depois de jogar a Copa do Mundo, acabou se aposentando. Já o zagueiro Gamarra, que jogou no Flamengo de 2000 a 2002, teve também uma boa passagem pelo Palmeiras em 2005 e 2006. Entre os nomes de peso, o principal deles foi o argentino Tévez, campeão da Libertadores de 2004, que foi contratado pelo Corinthians em 2005 e levou o time ao título brasileiro. O volante Mascherano, que depois brilhou por Liverpool e Barcelona, foi outro que atuou naquele time corintiano, mas sem tanto destaque, já que passou muito tempo lesionado. Em 2005, outro gringo que ganhou notoriedade por aqui foi o zagueiro uruguaio Diego Lugano, destaque do São Paulo no título da Libertadores e do Mundial de Clubes. Em 2008, o meia D'Alessandro desembarcou por aqui depois de atuar no futebol alemão para se tornar ídolo do Internacional, onde foi campeão da Libertadores em 2010. Outro argentino que se identificou com o futebol brasileiro foi o lateral esquerdo Sorín, que teve três passagens pelo Cruzeiro entre 2000 e 2009.

Carlitos Tévez: o craque argentino chegou em grande fase ao Corinthians, em 2005, após conquistar a Libertadores pelo Boca Juniors

D'Alessandro: o jogador argentino adquiriu extrema identidade com o Internacional

©VIPCOMM

Sorín: o lateral argentino teve três boas passagens pelo Cruzeiro

© EUGÊNIO SÁVIO

Mascherano: muitas contusões atrapalharam sua passagem pelo Corinthians entre 2005 e 2006

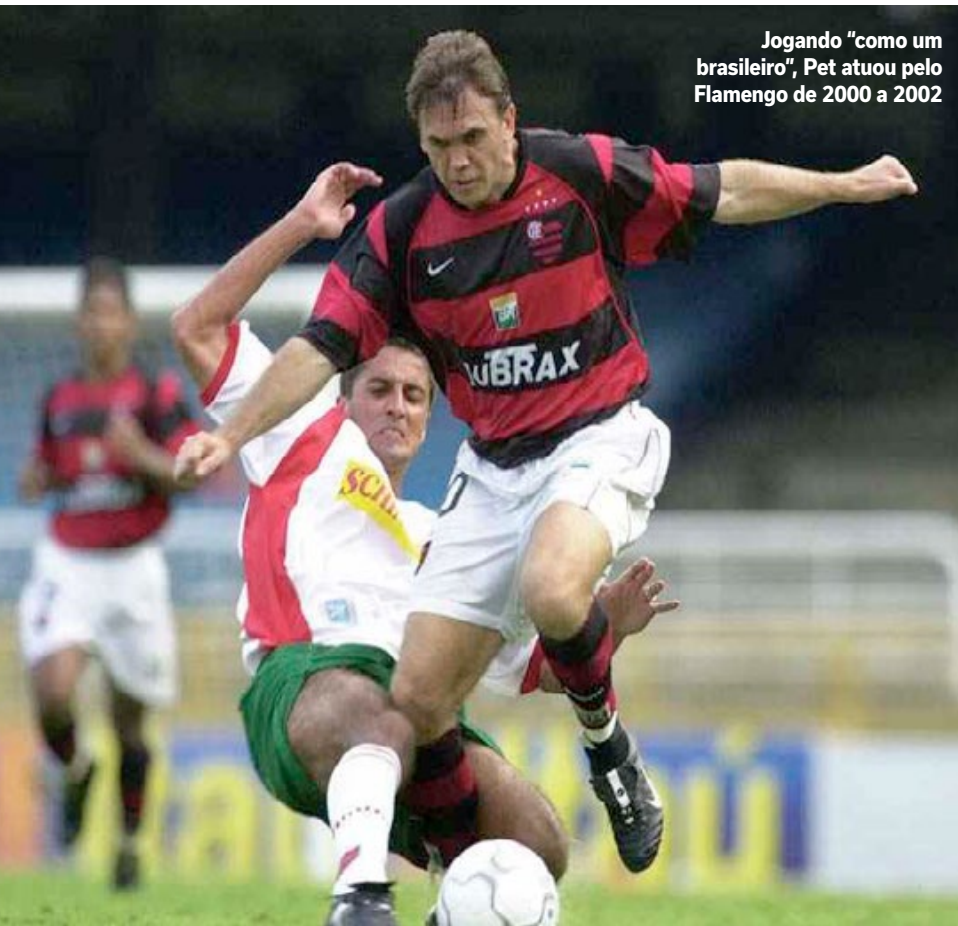
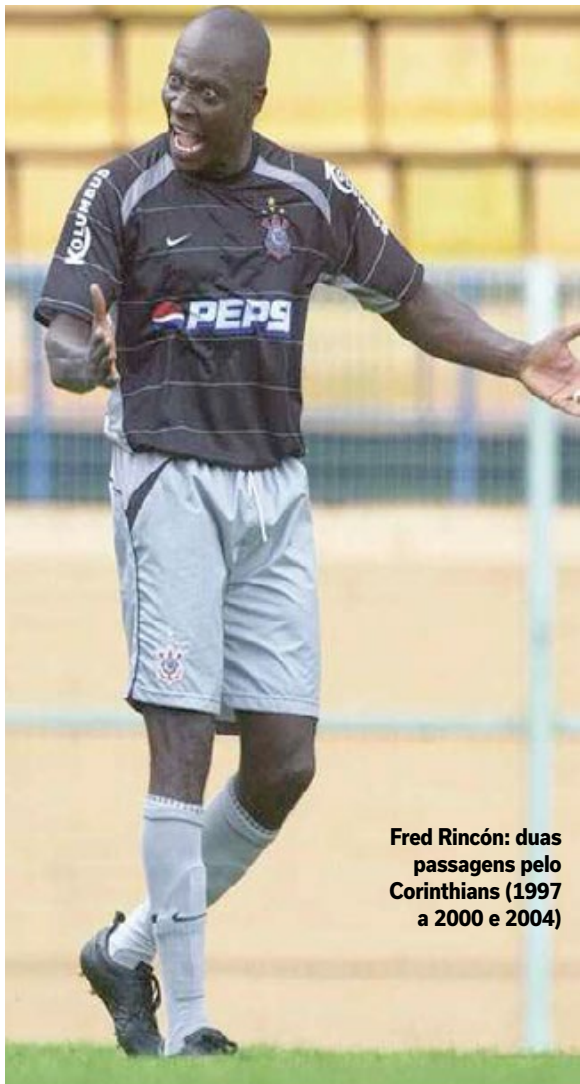
© EDISON VARA

NOSSOS GRINGOS

Gamarra era o rei do jogo limpo por onde passou, inclusive pelo Palmeiras, em 2005 e 2006

CARIOCADAS

"ALGUNS JOGARAM POUCO TEMPO NA DÉCADA, MAS SÃO CRAQUES DE QUE GOSTO MUITO, COMO RINCÓN, PETKOVIC, GAMARRA. O TÉVEZ TAMBÉM FOI BEM DEMAIS."

Jogando "como um brasileiro", Pet atuou pelo Flamengo de 2000 a 2002

Fred Rincón: duas passagens pelo Corinthians (1997 a 2000 e 2004)

Arce: cinco anos pelo Palmeiras (1998 a 2002)

Valdívia: o mago palmeirense de 2006 a 2008, em sua primeira passagem pelo Verdão

Lugano: o uruguaio conquistou a Libertadores e o Mundial, em 2005, pelo São Paulo

CARIOCADAS

"NA FASE BOA, O LUGANO FOI MUITO BOM JOGADOR. VALDÍVIA TAMBÉM TEVE UMA ÓTIMA PASSAGEM PELO PALMEIRAS."

Brazucas tipo exportação

A década de 2000 contou com muitos brasileiros defendendo seleções de outros países, com destaque para Portugal, que chegou a ter Deco, Pepe e Liédson em Copas do Mundo

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Deco, jogando pela seleção portuguesa na Copa do Mundo de 2006, na Alemanha

O NATURALIZADO DE MAIOR SUCESSO NA EUROPA

Meia de muita técnica e ótima visão de jogo, Deco foi revelado pelo Corinthians, em 1996, mas demorou para ter seu talento reconhecido no futebol, passando pelo Corinthians de Alagoas e por times pequenos de Portugal (Alverca e Salgueiros), até chegar ao Porto, em 1999. Naturalizado português, foi convocado pela primeira vez para a seleção de lá em 2003. No ano seguinte, o meia foi um dos responsáveis pelo título do Porto na Liga dos Campeões da Europa e acabou de transferindo para o Barcelona, onde fez uma dupla vitoriosa com Ronaldinho Gaúcho, vencendo a Liga dos Campeões da Europa em 2006 e tornando-se bicampeão espanhol em 2005 e 2006. Vice-campeão europeu com a seleção portuguesa em 2004 (treinado por Felipão), Deco também jogou a Copa do Mundo de 2006, ao lado de Cristiano Ronaldo, sendo um dos destaques do time que chegou à semifinal. Contratado em 2008 pelo Chelsea, Deco foi igualmente bem no futebol inglês, conquistando duas copas nacionais e um título da Premier League, em 2010. Com 75 jogos e cinco gols pela seleção portuguesa, Deco voltou ao Brasil em 2010, para jogar pelo Fluminense, onde ainda conquistou dois Campenatos Brasileiros (2010 e 2012).

Liédson: os gols pelo Sporting lhe valeram a convocação para a seleção portuguesa

© BESTPHOTO AGENCY

O Levezinho virou português

Centroavante franzino, mas muito oportunista e goleador, o baiano Liédson se destacou no Coritiba, em 2001 e 2002, mas foi no Corinthians que ganhou projeção após o título paulista de 2003. Contratado pelo Sporting, o jogador teve uma ótima passagem pelo futebol português (marcou 172 gols em 313 jogos) e acabou sendo premiado com a convocação para a seleção nacional em 2009, após ter sido o principal artilheiro do campeonato em 2005 e 2007. Convocado para a Copa do Mundo de 2010, para atuar no ataque ao lado de Cristiano Ronaldo, Liédson ganhou o apelido de Levezinho em Portugal, e depois voltou ainda ao Brasil para ter mais uma boa passagem pelo Corinthians, em 2011 e 2012.

Pepe, de Alagoas para Portugal e, de lá, para o Real Madrid, na Espanha

© BESTPHOTO AGENCY

DESTAQUE DA SELEÇÃO E DO REAL MADRID

Considerado um jogador violento, de entradas duras, o alagoano Pepe superou as críticas com o futebol seguro e a carreira vitoriosa. Revelado pelo Corinthians-AL, o jogador se profissionalizou no Marítimo, de Portugal, em 2001, e por lá ficou até 2004, quando foi contratado pelo Porto, ano em que ganhou o Mundial Interclubes. Titular e destaque da equipe, ficou no time até 2007, ano em que se transferiu para o Real Madrid e foi convocado para a seleção portuguesa. No poderoso time espanhol, Pepe se firmou, fez uma ótima dupla com Sergio Ramos, ganhando três Ligas dos Campeões e três Campeonatos Espanhóis. Com 334 jogos disputados, ficou quase dez anos no time merengue, saindo em 2017, aos 34 anos, para defender o Besiktas. Pela seleção portuguesa, disputou as Copas de 2010, 2014 e 2018 e foi campeão da Euro de 2016, repetindo o feito de outro brasileiro, o volante Marcos Senna, que ganhou a competição em 2008, pela seleção espanhola. Na década, outros brasileiros naturalizados que fizeram sucesso foram o volante Marco Aurélio (volante da Turquia), Eduardo da Silva (atacante da Croácia), Cacau (atacante da Alemanha) e Roger (lateral esquerdo da Polônia).

O reinado do Boca

Time argentino, de Bianchi e Riquelme, ganhou quatro Libertadores, dois Mundiais e duas Copas Sul-Americanas na década, tornando-se o grande carrasco também dos brasileiros nos anos 2000

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

BICHO-PAPÃO DAS COMPETIÇÕES SUL-AMERICANAS

Depois de um período fraco nas conquistas nas décadas de 1980 e 1990 (ganhou uma Supercopa e três Campeonatos Argentinos), o Boca Juniors se tornou um furacão nos anos 2000. Comandado pelo excelente técnico Carlos Bianchi e com o meia Riquelme em grande fase, o Boca passou pelo Palmeiras de Felipão duas vezes (na final de 2000 e na semi de 2001), para ser bicampeão da Libertadores, reconquistando o título após 21 anos. No Mundial Interclubes, o time argentino ainda bateu o Real Madrid em Tóquio, em 2000. Em 2003, reforçado pelo jovem e talentoso Tévez, o Boca Juniors venceu os dois jogos da final sobre o Santos de Diego e Robinho e foi mais uma vez campeão, terminando o ano com mais um título mundial, dessa vez sobre o Milan. Em 2004, ainda com Bianchi, o Boca chegou mais uma vez à final da Libertadores, mas acabou surpreendido pelo Once Caldas. No mesmo ano, no entanto, o time ganhou a Copa Sul-Americana sobre o Bolívar. Em 2005, repetiu o feito e foi bi da competição com vitória sobre o Pumas, do México. Em 2007, com os já veteranos Riquelme e Palermo e o técnico Miguel Ángel Russo, o Boca atropelou o Grêmio, de Mano Menezes, na final e faturou seu quarto título da Libertadores na década.

O Boca ganhou quatro Libertadores nos anos 2000. Em 2007, levou a melhor contra o Grêmio: 3 x 0 no primeiro jogo, na Argentina, e 2 x 0 em Porto Alegre

ONCE CALDAS, A ZEBRAÇA COLOMBIANA

Disputando a Libertadores pela terceira vez na história em 2004, o pequeno Once Caldas, da cidade de Manizales, na Colômbia, foi a maior surpresa na Libertadores na década da década. Treinado por Luis Fernando Montoya e com bons nomes no elenco, com o goleiro Henao, o zagueiro Vanegas e os meias Arango e Soto, o Once Caldas passou pelo Barcelona, do Equador, nas oitavas de final; pelo Santos, de Robinho e Vanderlei Luxemburgo, nas quartas de final; e depois pelo São Paulo, na semifinal, sem derrotas nesses mata-matas. Na decisão, contra o poderoso Boca Juniors, o time colombiano segurou um empate na Bombonera e, no segundo jogo, foi campeão após ganhar a disputa por pênaltis por 2 x 0, em Manizales. Como campeão sul-americano, a equipe colombiana surpreendeu ainda na decisão do último Mundial Interclubes, disputado no Japão, quando segurou o 0 x 0 contra o Porto, no tempo normal e na prorrogação, sendo derrotado apenas nos pênaltis. Campeão colombiano novamente em 2009 e 2010, o time voltou a fazer uma boa campanha na Libertadores apenas em 2011, quando eliminou o Cruzeiro nas oitavas e caiu nas quartas de final.

LDU, o time que calou o Maracanã

Contando com a grande ajuda da altitude de Quito, mas também com uma boa equipe, a LDU foi mais uma grata surpresa na América do Sul na década. Sob o comando do técnico argentino Edgardo Bauza, o time equatoriano ganhou a Libertadores de 2008 depois de passar pelos argentinos Estudiantes e San Lorenzo (nas oitavas e quartas), pelo América-MEX (na semifinal) e pelo Fluminense, de Renato Gaúcho, na decisão. Após vencer o jogo de ida por 4 x 2, a LDU perdeu por 3 x 1 no Maracanã, mas ganhou nos pênaltis, tendo como destaques o goleiro Cevallos e o atacante Guerrón. No ano seguinte, a LDU repetiu a dose e ganhou outra final do Flu, dessa vez pela Copa Sul-Americana.

A LDU derrotou o Fluminense no Maracanã, nos pênaltis, e conquistou a Libertadores de 2008

© EDUARDO MONTEIRO

O Once Caldas da Colômbia surpreendeu o continente em 2004 e conquistou a Libertadores

© CONMEBOL

Organização maior

Década de 2000 teve uma tentativa de fortalecer os regionais, campeonatos mais inchados, como a Libertadores e a Copa do Brasil, e o início do Brasileirão por pontos corridos em 2003

©EUGÊNIO SÁVIO

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

INÍCIO DE UMA NOVA ERA NO BRASILEIRÃO

Criado em 1971, sucedendo o antigo Robertão, o Campeonato Brasileiro contou com diversas fórmulas de disputa, pontuação, sistemas de rebaixamento e número de participantes – chegamos a ter 94 clubes em 1979. Em 2003, finalmente, a CBF deu início ao campeonato por pontos corridos, organizando também as demais divisões (séries B, C e D). Na primeira edição, a série A contou com 24 participantes e dois rebaixados. Com 46 rodadas, o torneio ficou longo, e assim a CBF decidiu diminuir o número de clubes, que caiu para 22 em 2005 e para 20, o número atual, em 2006. Com o aumento no número de vagas na Libertadores, o Brasileirão passou também a ficar mais atraente, com disputas pelo título e pelas competições sul-americanas e contra o rebaixamento. Em 2005, o campeonato sofreu uma mancha, com o escândalo da Máfia do Apito, com árbitros envolvidos em esquemas de manipulação de resultados com casas de apostas, fazendo com que 11 jogos fossem remarcados. O São Paulo acabou a década de 2000 como o clube mais vitorioso, sendo tricampeão em 2008, com a marcante equipe do técnico Muricy Ramalho e do goleiro Rogério Ceni. Cruzeiro (2003), Santos (2004), Corinthians (2005) e Flamengo (2009) foram os outros campeões.

Cruzeiro campeão no primeiro Brasileirão por pontos corridos. O escândalo da Máfia do Apito manchou o campeonato de 2005, vencido pelo Corinthians, de Tévez, após o cancelamento de 11 partidas

Libertadores: maior e mais atraente

Seguindo o modelo europeu, a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) decidiu ampliar as vagas para a Copa Libertadores para melhorar o nível técnico da competição, que contava com dois representantes dos dez países membros da América do Sul e mais dois mexicanos. Em 2000, o torneio passou de 23 para 32 participantes, com a entrada de mais um time por país (exceto Venezuela e México) e mais dois de Brasil e Argentina. Em 2005, venezuelanos e mexicanos também ganharam mais um vaga, assim como brasileiros e argentinos, fazendo com que o torneio contasse então com 38 participantes e melhorando consideravelmente a qualidade dos jogos. Esse sistema durou até 2017, quando a Conmebol deu mais uma vaga para cada país (47 participantes no total).

Amoroso comemora o primeiro gol da final da Libertadores de 2005

Tardelli, pela Sul-Americana de 2003, contra o The Strongest

Tuta, do Palmeiras, enfrentou o River Plate pela Mercosul, em 2001

Em 2007, o tricolor encarou o Boca pela Sul-Americana

SURGE UM NOVO TORNEIO DA CONMEBOL

Nos anos 1990, a Conmebol decidiu criar diversos torneios, pensando em lucrar com venda de direitos de transmissão. Além da Libertadores, os times jogavam ainda a Supercopa, a Recopa, a Copa Conmebol, além das Copas Mercosul e Merconorte, criadas no final da década, e da Copa Ouro (que durou só três anos) e da Copa Master (disputada uma vez). Em 2002, porém, a Conmebol decidiu encerrar com a Mercosul e Merconorte e criar a Copa Sul-Americana. Inicialmente, o torneio viria para ser disputado pelos principais clubes do continente no segundo semestre, após a Libertadores. Na década seguinte, porém, o torneio passou a ser disputado simultaneamente com a Liberta, dando vagas para os clubes que terminassem em colocações inferiores nos campeonatos e copas nacionais, nos moldes da antiga Copa Conmebol e da Liga Europa da Uefa. Na década de 2000, os clubes brasileiros, que não levaram a competição muito a sério, tiveram desempenho ruim. Apenas o Internacional, do técnico Tite, levou o título, em 2008. O Fluminense, em 2009, foi vice depois de perder para a LDU Quito. Os argentinos, por outro lado, ganharam quatro das oito edições.

REGIONAIS FORTALECIDOS E ESQUECIDOS

Em 1997, a CBF decidiu recriar o torneio Rio-São Paulo, regional que fez sucesso nos anos 1950 e 1960. Disputado no início do ano, em paralelo aos estaduais, o torneio ganhou outros semelhantes pelo país: Copa Sul-Minas, Copa Nordeste, Copa Norte e Copa Centro-Oeste. Esses torneios não chegaram a empolgar, mas foram vistos pela entidade como uma tentativa de tirar os grandes times dos estaduais, aumentando o nível dos jogos deles e diminuindo o calendário. Assim, em 2002, os principais times só jogaram os regionais e os campeões acabaram disputando finais contra os pequenos, nos chamados Supercampeonatos. Em São Paulo, por exemplo, o Ituano ganhou o Paulistão (sem os quatro grandes). Depois, venceu o Corinthians (campeão do Rio-São Paulo), na semifinal do Supercampeonato. Na decisão, o time de Itu perdeu o título para o São Paulo, vice do Rio--SP, que havia vencido o Palmeiras (terceiro), na semifinal. Confusos e sem apelo do torcedor, esses campeonatos foram descartados e esquecidos pela CBF no ano seguinte, principalmente após o início do Brasileirão por pontos corridos. Apenas a Copa do Nordeste, recriada em 2010, continua sendo disputada.

© RENATO PIZZUTTO

© ROGERIO PALLATTA

© RENATO PIZZUTTO

Bahia e Náutico, pela Copa do Nordeste, em 2002. No mesmo ano, jogaram Corinthians e São Paulo, pelo torneio Rio-São Paulo, e o pequeno Ituano enfrentou o São Paulo na final do Supercampeonato Paulista. Na foto maior, o zagueiro Rogério Pinheiro comemora o Rio-São Paulo de 2001

Pet, pelo Flamengo, comemora o título da Copa dos Campeões, diante do São Paulo, em 2001

Copa dos Campeões: mais um torneio fracassado

Numa época em que a CBF procurava fortalecer os regionais, um novo torneio surgiu no calendário nacional: a Copa dos Campeões. Criada em 2000, a competição contava com os primeiros colocados do Rio-São Paulo, da Copa Sul-Minas, Copa Nordeste, Copa Norte e Copa Centro-Oeste e dava ao campeão uma vaga na Libertadores do ano seguinte. Disputado em cidades do Nordeste, para ganhar público, o torneio não foi muito valorizado pelos clubes, que chegavam a botar reservas em campo. O Palmeiras, com um time misto e treinado por Flávio Teixeira, o Murtosa, auxiliar de Felipão, foi campeão da primeira edição depois de bater o Sport, na decisão realizada no estádio Rei Pelé, em Maceió. Na segunda edição, o Flamengo sagrou-se campeão depois de ganhar do São Paulo na final. Na primeira partida, o rubro-negro venceu por 5 x 3, no Almeidão, em João Pessoa. No jogo de volta, o time do técnico Zagallo perdeu por 3 x 2, mas levou o título, em Maceió, pelo saldo de gols. Já na terceira e última edição, realizada em 2002, o surpreendente Paysandu, do técnico Givanildo Oliveira, venceu o Cruzeiro e ficou com a taça no Castelão, em Fortaleza.

O polêmico Mundial de Clubes da Fifa

Em 1999, a Fifa decidiu organizar o Mundial de Clubes, que viria pegar o lugar da tradicional Copa Intercontinental ou Mundial Interclubes, como era conhecido aqui no Brasil, disputado desde 1960 entre os campeões da Europa e da América do Sul. No novo torneio, a Fifa incluiu os participantes dos outros continentes. Previsto inicialmente para ser disputado em dezembro de 1999, o torneio contou com os campeões de 1998 (Vasco, da Libertadores, e Corinthians, campeão do país-sede) e deixou o Palmeiras, campeão da Libertadores de 1999, de fora, causando polêmica. Curiosamente, os dois brasileiros fizeram a final e o Corinthians levou o título. Em 2001, o Mundial foi marcado para a Espanha (e com o Palmeiras na disputa). Porém, às vésperas da competição, a ISL, empresa organizadora, quebrou, fazendo com que o torneio fosse cancelado. Paralelamente a isso, o Mundial Interclubes seguiu sendo disputado e foi realizado até 2004. Em 2005, o Mundial de Clubes da Fifa voltou e foi disputado no Japão, com o São Paulo ganhando do Liverpool na final. No ano seguinte, o Inter venceu o Barcelona de Ronaldinho.

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

A Fifa buscou e ainda busca um formato viável para o Mundial de Clubes. Mas o São Paulo comemorou o seu, em 2005, e o Internacional levou um em 2006

Uma década, uma glória

Começamos os anos 2000 com maus resultados e quase fora da Copa, com péssimos resultados na Olimpíada de Sidney e nas Eliminatórias para a Copa de 2002, mas saímos da desconfiança para o penta

Dois heróis do penta: Ronaldo, artilheiro da Copa, e Cafu, o capitão da família Scolari

A FAMÍLIA SCOLARI E O PENTACAMPEONATO

A Copa do Mundo de 2002 foi peculiar para os brasileiros. O país inteiro teve que mudar sua rotina para acompanhar a seleção no outro lado do mundo. Este foi o primeiro mundial realizado na Ásia e feito em dois países diferentes, Coreia do Sul e Japão. Dois jogos ocorreram às 3h30, um às 6h e outros quatro às 8h.

Mas, antes disso, outra coisa tirou o sono dos brasileiros: a campanha nas Eliminatórias, o desempenho ruim da seleção, que ainda era comandada por Emerson Leão, até maio de 2001. O baixo desempenho, por ironia, foi fundamental para a conquista do penta. Em junho de 2001, Luiz Felipe Scolari, que estava no Cruzeiro, assumiu o comando da seleção. Com Felipão foram três derrotas e três vitórias – foi no sufoco, mas a classificação veio.

Em campo, no mundial, o time era uma máquina de eficiência. Na fase de grupos foram três vitórias, 11 gols marcados e apenas três sofridos. Com um Rivaldo genial e um Ronaldo fenomenal, Ronaldinho e outras peças fundamentais, como o goleiro Marcos, o Brasil passou pela Bélgica nas oitavas (2 x 0), pela Inglaterra nas quartas (2 x 1) e pela Turquia na semifinal (1 x 0). Na final, pegamos a Alemanha, Ronaldo marcou duas vezes e Rivaldo foi fundamental para a vitória. A família Scolari entrava para a história.

O QUARTETO QUE FICOU NA SAUDADE

"EM 2006, VIMOS JOGADORES ACIMA DO PESO, DESLEIXADOS. NÃO ACREDITO EM DESINTERESSE, MAS PARECIA ALGO ASSIM: SE GANHAR, GANHOU. SE NÃO GANHAR, JÁ GANHAMOS EM 2002 E TÁ BOM. NÃO ERA UMA BUSCA INCESSANTE COMO NAS COPAS ANTERIORES."

Foi mais carnaval do que preparação em Weggis, na Suíça, e Ronaldinho tirou uma casquinha da invasão da torcedora

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© GETTY IMAGES

© RICARDO CORRÊA

© RICARDO CORRÊA

No papel, era um timaço, com um quadrado ofensivo de fazer inveja, com Adriano, Ronaldo, Ronaldinho e Kaká, mas apareceu a França e...

Não tinha como não se empolgar para a Copa do Mundo de 2006. Quem não se lembra do nosso quarteto ofensivo naquele mundial? Ronaldo, Adriano, Ronaldinho e Kaká. Bom, não? O fenômeno brilhava no Real Madrid, Kaká se tornaria o melhor do mundo em 2007, Ronaldinho encantava no Barcelona e Adriano se tornava o imperador da Inter de Milão. Era tanta empolgação que a preparação, na Suíça foi uma festa, ou melhor, uma bagunça, com uma loucura de torcedores em volta.

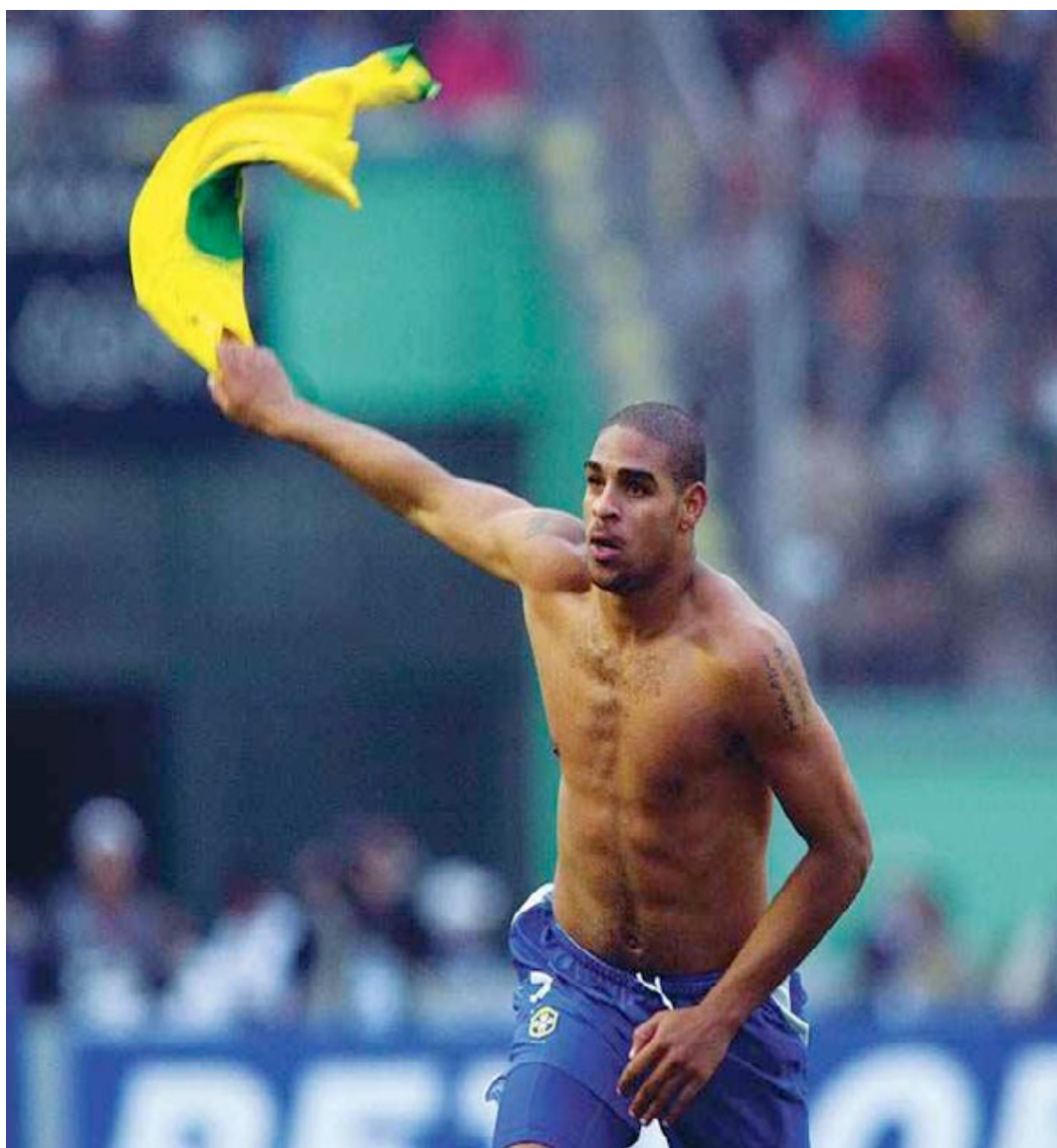
Já na Copa, na primeira fase foram três vitórias tranquilas. Nas oitavas de final, 3 x 0 em cima da Gana. Mas nas quartas de final... vieram os franceses. Nossos fantasmas de 1998 voltaram oito anos depois para atormentar a vida da seleção, e um deles tinha o nome de Zidane. O time de Parreira ficou no caminho. O treinador desmembrou o quarteto, deixando Adriano no banco, e foi a campo com: Dida; Cafu, Juan, Lúcio e Roberto Carlos; Gilberto Silva, Zé Roberto e Juninho Pernambucano; Kaká, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo.

O Brasil deu apenas um chute a gol, enquanto o time francês deu cinco. E foi em uma falta que saiu o gol francês. Roberto Carlos parou para arrumar a meia e não acompanhou Henry, que marcou o gol da vitória.

HERMANOS E BONS FREGUESES

Depois da conquista do penta em 2002, o que mais deu alegria para a torcida brasileira foi a Copa América. Entre 2000 e 2009, três edições foram disputadas. Em 2004, no Peru, e em 2007, na Venezuela, o Brasil venceu a Argentina nas finais. O título mais lembrado até hoje é o de 2004, especialmente o gol de Adriano aos 48 minutos do segundo tempo, que levou a partida final para a disputa de pênaltis. O time do Brasil era formado por: Júlio César; Maicon, Luisão, Juan e Gustavo Nery; Kléberson, Renato, Edu e Alex; Luís Fabiano e Adriano.

A Argentina tinha jogadores como Tévez, Mascherano, Zanetti, Sorín, Ayala e Kily González. Nos pênaltis, D'Alessandro e Heinze erraram, enquanto Adriano, Edu, Diego e Juan marcaram para conquistar o título. Três anos depois o Brasil venceu mais uma contra os argentinos. O jogo foi digno de um tango, só que composto por nós. Um 3 x 0 arrasador para o Brasil.

Logo aos 4 minutos do primeiro tempo, Júlio Baptista marcou um golaço no ângulo de Abbondanzieri. Ayala marcou contra aos 40 e Daniel Alves fez o terceiro aos 19 do segundo tempo. Na Argentina, jogava um garoto chamado Messi, mas não foi páreo para o time de Dunga.

Adriano calou os argentinos em 2004, na final que levamos nos pênaltis. Já em 2007, arrasamos los hermanos por 3 x 0, na Venezuela

Ganhamos uma Copa na África do Sul, mas foi a das Confederações, em 2009

© GETTY IMAGES

Uma copa que é melhor não ganhar

Está escrito na história: a seleção que conquista a Copa das Confederações não vence a Copa do Mundo. Desde 1992, quando foi criada, o vencedor da competição que acontece um ano antes do Mundial nunca se sagrou campeão no ano seguinte.

E é claro que o Brasil manteve "a escrita". Na Alemanha, em 2005, a seleção comandada por Parreira bateu a Argentina por 4 x 1 na final da Copa das Confederações. O Brasil foi escalado com: Dida; Cicinho, Lúcio, Roque Júnior e Gilberto; Emerson, Zé Roberto e Kaká; Ronaldinho, Adriano e Robinho.

Adriano marcou duas vezes, enquanto Kaká e Ronaldinho fizeram um gol cada um. Não dava para não se empolgar, de novo. Na Copa, porém, caímos nas quartas para a França.

Em 2009, contra os Estados Unidos, foi muito mais complicado vencer. Dunga escalou o Brasil com: Júlio César; Maicon, Lúcio, Luisão e André Santos; Gilberto Silva, Felipe Melo e Ramires; Kaká, Robinho e Luis Fabiano.

Os americanos saíram na frente e abriram 2 x 0 no placar do Ellis Park, na África do Sul. Mas, com dois gols de Luis Fabiano, que tinha tudo para ser o cara da Copa de 2010, e um de Lúcio, todos no segundo tempo, o Brasil virou para 3 x 2.

O OURO DE TOLO

O Brasil teve duas chances para conquistar o tão sonhado ouro olímpico na década. Em 2000, em Sydney, e em 2008, em Pequim (já para 2004, em Atenas, nem sequer passamos pelo pré-olímpico no Chile, mais um vexame, a exemplo dos pré-olímpicos de 1980 e 1992).

Em Sydney, a CBF apostou alto e chamou Luxemburgo para treinar a seleção. As principais estrelas daquele time eram Lúcio (Bayern Leverkusen), Alex (Cruzeiro), Edu (Celta de Vigo) e Ronaldinho Gaúcho (Grêmio). Luxemburgo optou por não chamar jogadores acima de 23 anos.

O Brasil caiu diante de Camarões, de Samuel Eto'o, nas quarta de final. Após o empate no tempo regulamentar, a partida foi para a prorrogação. Mas mesmo com dois jogadores a mais o Brasil não conseguiu vencer, e foi pego de surpresa em um contra-ataque. Com o gol da morte súbita, Mbami decretou o fim da era Luxemburgo à frente da seleção.

Em 2008, o Brasil entra como favorito para conquistar a medalha de ouro em Pequim. A primeira fase foi arrasadora: três vitórias, nove gols marcados e nenhum sofrido. Nas quartas de final, Camarões voltou a ficar no nosso caminho, mas dessa vez o Brasil venceu por 2 x 0. Comandada por Dunga, a seleção tinha nomes como Thiago Silva, Hernanes, Alexandre Pato, Ronaldinho Gaúcho, Diego, Thiago Neves, Rafael Sóbis e Jô. Na semifinal, porém, caímos para a Argentina. Riquelme, Di María, Messi e Agüero não tomaram conhecimento do Brasil e venceram por 3 x 0. Mais uma vez o sonho do ouro foi adiado.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

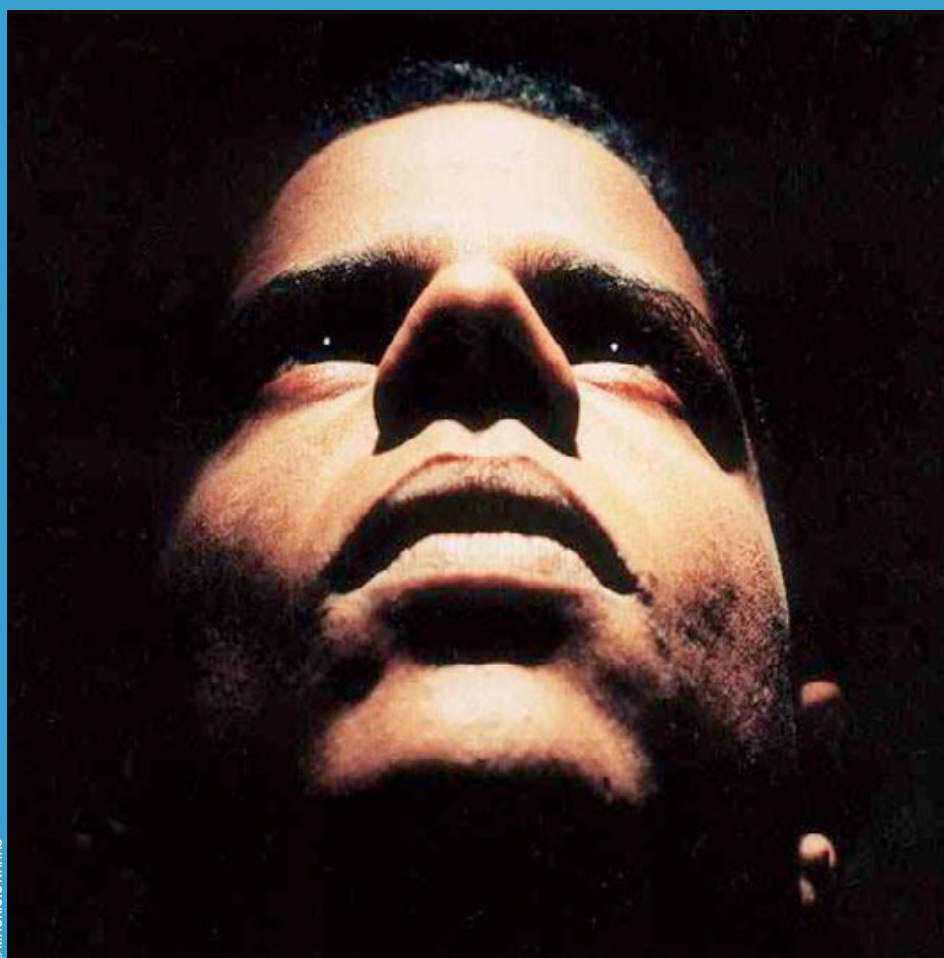
© RICARDO CORRÊA

Bem que tentamos o ouro olímpico, mas nem mesmo a aposta em Luxemburgo foi bem-sucedida. Em Pequim, beliscamos o bronze, ao menos

Os polêmicos da década

Malacos, baladeiros, polêmicos... A lista dos "bad boys" do futebol brasileiro teve ainda Ronaldinho Gaúcho, mas esse acabou se destacando mais pelos feitos dentro de campo

© MAURÍCIO NAHAS

© RICARDO CORRÊA

MARCELINHO CARIOCA, O CRAQUE MAIS ODIADO PELOS RIVAIS

Maior ídolo da torcida corintiana na década de 1990, o polêmico Marcelinho Carioca causava repulsa nos torcedores rivais por causa de sua personalidade e suas declarações, além, é claro, dos muitos gols que marcava contra eles – foram 51 só contra Palmeiras, Santos e São Paulo, dos 206 que fez pelo Corinthians. Em 2000, sua história de amor com o alvinegro foi abalada após o pênalti decisivo perdido contra o Palmeiras na semifinal da Libertadores. Depois disso, em 2001, chegou a brigar com Ricardinho e o técnico Vanderlei Luxemburgo e se transferiu para o Santos, onde não caiu nas graças da torcida devido a sua identificação com o rival. Atuou na Vila por apenas seis meses. Após jogar pelo Gamba Osaka-JAP, Al Nassr-ARA e Ajaccio-FRA, Marcelinho teve boas passagens pelo Vasco, onde foi campeão carioca em 2003, e pelo Brasiliense, em 2005. No ano seguinte, em 2006, anos 34 anos, Marcelinho voltou ao Corinthians, mas fez apenas cinco jogos e acabou brigando, num treino, com o argentino Mascherano. Eleito o jogador mais odiado do Brasil em 2000, numa pesquisa feita pela revista Placar com os jogadores que atuavam no futebol brasileiro, Marcelinho encerrou sua carreira em 2009, após três temporadas no Santo André.

Marcelinho foi um craque de bola, às vezes amado, outras vezes odiado, como apontou pesquisa Placar realizada entre os boleiros

O IMPERADOR SE PERDEU

Campeão mundial sub-17 em 1999, o centroavante Adriano subiu para o profissional do Flamengo em 2000. No ano seguinte, foi contratado pela Inter de Milão, mas foi emprestado para ganhar experiência, atuando por Fiorentina e Parma. Em 2004, foi o grande nome do Brasil no título da Copa América. Depois disso, voltou para a Inter, onde brilhou com muitos gols. Em 2006, porém, após o falecimento do seu pai e o mau desempenho na Copa, sua carreira declinou. Barrado na Inter em 2008, foi emprestado ao São Paulo. Em 2009, de volta ao Flamengo, se recuperou e foi campeão brasileiro como artilheiro. Mas sua proximidade com traficantes, que eram amigos de infância, e o alcoolismo afastaram a chance de ir à Copa de 2010. Adriano chegou a ser indiciado por associação ao tráfico, em 2014.

O INCANSÁVEL E OBSTINADO

Revelação dos anos 1980 e protagonista nos anos 1990, o craque e polêmico Romário esticou sua carreira até 2009, quando pendurou as chuteiras aos 43 anos e, segundo ele, com mais de 1 000 gols (857 na conta aceita como correta). Destaque do Vasco no início da década, com o título do Brasileirão e da Mercosul de 2000, Romário entrou em conflito com outro ídolo vascaíno na época, o atacante Edmundo. Em 2002, aos 36 anos, e sendo um dos principais artilheiros do país, Romário pediu para ir à Copa, mas acabou preterido por Felipão. No mesmo ano, foi para o Fluminense, onde chegou a dar um tapa na cara do zagueiro Andrey numa partida. Depois disso, ainda teve breves passagens pelo Al-Saad-CAT, Miami-EUA e o Adelaide United-AUS. Além disso, voltou mais duas vezes ao Vasco, sendo ainda artilheiro do Brasileirão de 2005 aos 39 anos.

Romário ainda rendeu um bom caldo na década – além de gols e confusões, claro

© GEDUARDO MONTEIRO

Polêmico e controverso como sempre

Mesmo sem o mesmo brilho e o bom futebol dos anos 1990, o atacante Edmundo voltou a causar na década seguinte. Em 2000, brigou com Romário numa disputa de egos no Vasco, onde acabou levando a pior, perdendo a faixa de capitão e depois sendo emprestado ao Santos. Em 2001, voltou à Itália, mas teve uma rápida passagem pelo Napoli. No mesmo ano, voltou ao Brasil, mas acabou dispensado do Cruzeiro após perder um pênalti propositalmente num jogo contra o Vasco. Sem muito clima por aqui, ficou dois anos no Japão, antes de retornar ao Vasco. Em 2004, foi para o Fluminense e em 2005, aos 34 anos, disputou o Carioca pelo Nova Iguaçu, já demonstrando estar em fim de carreira. Mas no mesmo ano foi para o Figueirense, onde fez um ótimo Brasileirão, marcando 17 gols.

Adriano era daqueles que esbanjavam talento mas também problemas fora de campo

© BESTPHPTP AGENCY

Edmundo foi, como sempre, visceral nos anos 2000

Craques sem polêmicas

Capitão do penta, Cafu puxa a fila dos bonzinhos que marcaram a década no futebol europeu e com a camisa da seleção brasileira. Entre eles, figuram também Gilberto Silva, Juan e Zé Roberto

© RICARDOCORRÊA

CAPITÃO, RECORDISTA E LENDA DA LATERAL DIREITA

Supercampeão com São Paulo, Palmeiras e seleção brasileira na década de 1990, o lateral direito Cafu conseguiu feitos maiores nos anos 2000, brilhando não só com a amarelinha, mais uma vez, como também no futebol europeu. Capitão do time de Felipão na Copa de 2002, Cafu se tornou recordista na história dos mundiais ao chegar à terceira final consecutiva e ficou eternizado por levantar o troféu da nossa última conquista no torneio, com a mensagem "100% Jardim Irene", em homenagem ao bairro onde foi criado e onde mantém uma fundação de amparo às crianças, a Fundação Cafu, na periferia paulistana. Humilde e tranquilo dentro e fora de campo, Cafu foi um dos destaques também da Roma no título italiano de 2001, que quebrou um jejum de 17 anos, desde que o brasileiro Falcão levantou a taça por lá. Contratado pelo Milan em 2003, aos 33 anos, Cafu teve fôlego ainda para jogar mais cinco anos pelo clube italiano, até 2008, em alto nível, conquistando ainda o Campeonato Italiano em 2004 e a Liga dos Campeões e o Mundial de Clubes em 2007. Aos 36 anos, foi novamente o capitão da seleção brasileira na Copa de 2006, quando encerrou sua participação com a camisa amarelinha, completando 142 jogos e tornando-se o recordista de partidas.

O capitão Cafu na Copa de 2002: referência como homem e jogador

ZAGUEIRO DISCRETO E CONFIÁVEL

Revelado pelo Flamengo em 1996, Juan fez 246 partidas pelo clube até 2002, quando foi vendido ao Bayer Leverkusen. Zagueiro de boa técnica e frieza, ganhou quatro Cariocas e uma Mercosul e chegou à seleção em 2001, aos 22 anos. Na Alemanha, foi titular por cinco anos, sendo convocado com frequência para a seleção, principalmente depois de ser campeão da Copa América de 2004. Titular também na Copa das Confederações de 2005, Juan fez uma ótima dupla de zaga com Lúcio até a Copa da Alemanha, em 2006. Contratado pela Roma em 2007, teve boa passagem pelo clube italiano, sendo titular até 2012, ano em que voltou ao Brasil para jogar pelo Internacional, onde ficou ainda por mais três temporadas, antes de voltar ao seu clube de origem em 2016.

CRAQUE NA LATERAL E NA MEIA

Destaque nos anos 1990, o lateral esquerdo Zé Roberto voltou a fazer bonito nos anos 2000. Depois de jogar por Portuguesa, Flamengo e Real Madrid, o jogador foi para o Bayer Leverkusen, onde ficou até 2002, ano em que foi vice da Liga dos Campeões da Europa e acabou, sem muita explicação, fora da lista final do técnico Felipão para a Copa do Mundo. Contratado pelo Bayern Munique, Zé Roberto brilhou atuando também como meia e volante, conquistando quatro campeonatos e três copas nacionais. Aos 32 anos, voltou à seleção brasileira para disputar sua segunda Copa do Mundo (havia jogado em 1998) e, em seguida, retornou ao Brasil para atuar no Santos, por empréstimo, para ser ainda campeão paulista e destaque do time que chegou à semifinal na Libertadores. Incansável, Zé Roberto só foi encerrar sua gloriosa carreira em 2017, aos 43 anos.

Zé Roberto: craque no meio ou na lateral

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Come quieto, como bom mineiro

Zagueiro de origem, Gilberto Silva começou no América-MG em 2000 e no ano seguinte foi para o Atlético Mineiro, onde passou a jogar de volante. Pouco depois, foi convocado por Felipão para disputar as Eliminatórias da Copa de 2002. Convocado para o mundial, o volante ganhou a vaga de titular após a lesão de Emerson e teve ótimo desempenho. Ao lado de Kléberson, fez uma bela dupla no setor defensivo do meio-campo, dando segurança aos jogadores de criação, como Ronaldinho Gaúcho e Rivaldo. Jogador de muita tranquilidade, seriedade e jogo limpo, Gilberto Silva foi contratado pelo Arsenal depois da Copa e por lá ficou até 2009, sendo um dos jogadores preferidos do técnico Arsène Wenger e também um dos destaques do time no inesquecível título inglês invicto de 2004.

Juan, quando atuava pelo Bayer Leverkusen

© BESTPHPTP AGENCY

Gilberto Silva ocupou a vaga de Emerson em 2002 e correspondeu

© RICARDOCORRÊA

Modelitos mais justos

Foi a década do uniforme mais justinho, sem tanta folga e com tecidos mais eficientes. Os clubes gostaram da ideia do terceiro uniforme e aumentaram a fonte de renda com as camisas

A década de 2000 começou com novidades nas camisas dos clubes e das seleções nacionais. Ao contrário dos anos 1990, quando as camisas eram bem largas e pareciam sobrar, os modelos dos anos 2000 caracterizaram-se por serem mais justos, grudados ao corpo, como na Roma, da Itália, no começo da década, ou das seleções que vestiam Puma, como Itália, Uruguai e Camarões. A seleção africana, aliás, inovou ainda com um modelo de camisa sem mangas, que acabou não sendo permitido para a Copa de 2002. No Brasil, os clubes seguiram a tendência mundial, mas criaram um novo jeito de "lotear" suas camisas. Além do tradicional patrocinador no peito da camisa, chamado depois de máster, os clubes passaram vender espaços em mangas, ombros, barriga, costas (em cima e embaixo), nos números e até nos calções. A mudança fez com que a parte estética das camisas fosse modificada, deixando as vestes poluídas e bem descaracterizadas. Além disso, alguns clubes ainda aproveitavam para vender patrocínios pontuais, em jogos de maior visibilidade. O Corinthians, após a chegada do atacante Ronaldo, em 2009, chegou a ter diversos modelos e patrocinadores, sendo um caso clássico dessa nova maneira de os clubes ganharem mais receita. Outra novidade na década foi a criação da terceira camisa com cores atípicas. O próprio Corinthians jogou de roxo, o Santos de azul-escuro, o Palmeiras com um amarelo neon. Alguns times também, aproveitando a comemoração de seu centenário, aproveitaram para criar modelos diferenciados, muitas vezes com a cor dourada, como nos casos de Atlético-MG e Internacional. Na seleção brasileira, a grande mudança foi na camisa usada na Copa do Mundo de 2002, como muitos detalhes verdes nas laterais.

O Palmeiras usou camisas alternativas na década. Argel exibe uma das mais estranhas, em 2000. A verde "marca-texto" veio em 2007, e a azul e branca, com a Cruz de Savoia como escudo, em 2009

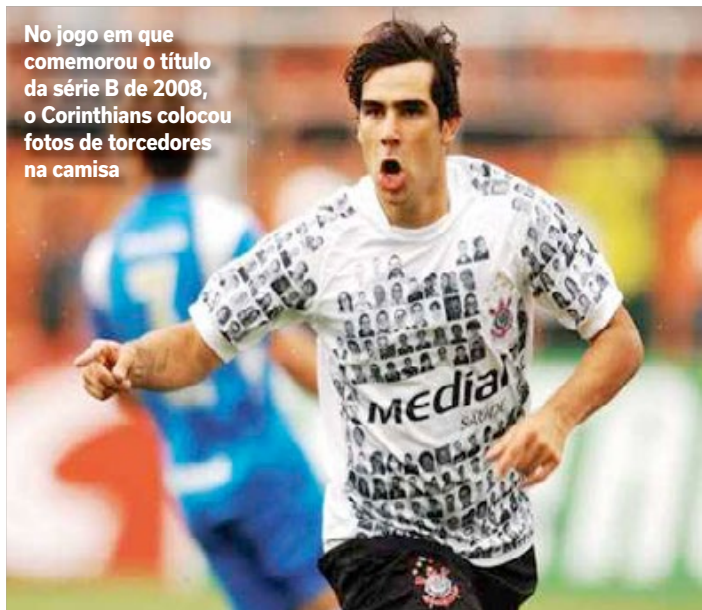
©RICARDO CORRÊA

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© RENATO PIZZUTTO

Em alusão ao "corintiano roxo", o clube inovou em 2008, entrando em campo sem o tradicional preto e branco

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

No jogo em que comemorou o título da série B de 2008, o Corinthians colocou fotos de torcedores na camisa

© RENATO PIZZUTTO

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

"Outdoor": com Ronaldo, o Corinthians teve patrocinadores até nos ombros e nas mangas

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

Rogério Ceni inovou com o número 01, o inverso da camisa 10, do craque do time

Ceni e sua coleção de camisas usadas em jogos do São Paulo

© RICARDO CORRÊA

ANOS 2000
CAMISAS

Em 2009, o Galo lançou uma terceira camisa preta e dourada com escudo retrô: não fez sucesso

Camisa merchandising do Brasiliense: muitos anunciantes tentando tirar uma casquinha e faturar com os jogos transmitidos pela TV

© RICARDO CORRÊA

O Vasco estampou a marca do SBT de graça , na final da Copa João Havelange, em 2001, para provocar a Globo

© RICARDO CORRÊA

Camisa laranja e amarela do Flu em 2001, usada uma única vez por razões estatutárias

© GETTYIMAGES

Roger Machado, atualmente, treinador, jogando pelo Fluminense, em 2006, com o uniforme todo grená; e o Santos com uma terceira camisa, azul-escura, em 2008

©EDUARDO MONTEIRO

De difícil variação e muito tradicional, o Flamengo usou uma gola diferente em 2009

©DIEGO VARA

O Internacional usou camisas diferenciadas. Em 2002, uma versão lembrava a camisa do Ajax, da Holanda. Em 2009, a dourada fez sucesso

GRINGAS DIFERENTES

Na Europa, os grandes clubes optavam por edições especiais de camisas para a disputa da Champions League, trazendo cores diferentes e combinações ousadas e estranhas

© GETTYIMAGES

© STELLAN DANIELSSON

©FC BARCELONA

A Inter de Milão estampou uma cruz na camisa, em homenagem ao seu centenário, em 2008. O Barcelona trouxe uma combinação estranha em 2001, na foto com Iniesta, e uma versão bege, em 2003, exibida por Ronaldinho

© GETTYIMAGES

O Manchester United ousava. Usou uniformes todos dourados, azuis, pretos e esta versão roxa, em 2003

© PIER GIORGIO GIAVELLI

© GETTYIMAGES

Felipe Melo, em 2009, quando estava na Juventus, usou uniforme cinza – bem feinho. O Real Madrid, na Champions de 2003, vestiu uniforme todo preto

Era Galvão Bueno e mais dez

Nos anos 2000 a TV foi dominada pelo futebol de forma irreversível. A tecnologia começava a dar as caras, os canais a cabo ganharam força e Galvão Bueno já era o cara

Assitir a uma partida de futebol em full HD hoje é muito fácil, está ao alcance do controle remoto. Mas no começo dos anos 2000 não era assim. A Copa do Mundo de 2002 foi a primeira a ter uma partida transmitida em *high definition*. Duas salas de cinema, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, passaram a final entre Brasil e Alemanha, em HD, para o público. Foi o começo de um processo que mudaria o jeito de ver futebol.

Foi também nos anos 2000 que os canais de esporte para a televisão fechada começaram a crescer. A Rede Globo decidiu criar o canal SporTV 2 em 2004. No começo ele apenas retransmitia o que já passava no SporTV, só que com um intervalo de seis horas. No ano seguinte, em 2005, ele começou a ter programação própria.

E foi da televisão que veio um programa que marcou a época. O *Super Técnico* – criado pela Rede Bandeirantes e pelo ex-presidente da empresa Traffic e delator do caso Fifa, J. Hawilla, morto em 2018 – juntava treinadores de futebol em um cenário inovador. Comandado por Milton Neves, o programa recebeu nomes como Vanderlei Luxemburgo, Abel Braga, Felipão, Leão, Zagallo, Rubens Minelli, entre outros. O programa durou apenas três anos, de 1999 até 2001, mas esbanjava polêmica e propagava bordões e personagens, especialmente os criados por Milton Neves, o apresentador.

Uma novidade que durou pouco foi o canal a cabo PSN, Pan American Sports Network. Com ambição e grandes eventos esportivos na sua grade, como Champions League, Copa Sul-Americana, NBA, Campeonato Italiano e a Taça Libertadores da América, o PSN chegou com tudo ao Brasil. A emissora pertencia ao fundo de investimento dos Estados Unidos Hicks, Muse, Tate & Furst, que patrocinou e bancou o Corinthians e o Cruzeiro entre 1999 e 2000, mas que enfrentou denúncias de lavagem de dinheiro, inclusive, deixando o Timão com dívidas no segundo ano de um contrato de dez anos com o clube. A equipe do canal contava com nomes como Téo José, Mauro Beting, Rogério Corrêa, Osmar de Oliveira e muitos outros jornalistas. A estrela do canal era Pelé, que tinha contrato com a empresa para um programa chamado *Show do Pelé*, que acontecia a cada 15 dias. O canal, porém, saiu do ar em março de 2002.

Galvão Bueno já era o cara da TV no esporte. Em agosto de 2000, o narrador foi capa da Placar. "A Voz do Futebol" era o título da reportagem com o locutor. Nela, contamos que Galvão tinha um salário anual de 3 milhões de reais. Que era amado e odiado pelos torcedores, que espalhavam faixas no estádio que iam do "filma eu, Galvão", até "vai pentear macaco, Galvão". Também mostramos que o narrador era muito amigo do técnico da seleção, Vanderlei Luxemburgo, e fontes da reportagem recriminavam o fato. Desde lá, Galvão se tornou ainda mais famoso e polêmico – também mais rico, com certeza. Só não mudou uma coisa, continua o melhor.

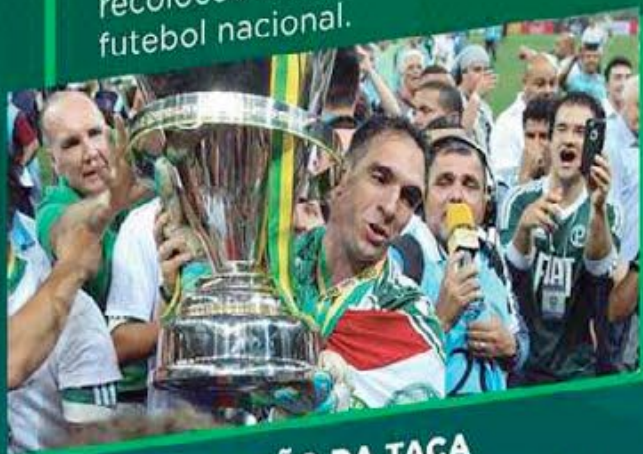
Galvão Bueno em nossa capa no ano 2000. O programa *Super Técnico* marcou época e o o canal PSN revelou-se um fiasco

O COMEÇO DE UMA ERA!

CREFISA, FAM E PALMEIRAS.

2015 2016

O ano de 2015 marca o início de uma nova era. O palmeirense convicto e fundador da Crefisa, José Roberto Lammachia, e Leila Pereira, também palmeirense e presidente da empresa, embarcaram em um projeto desafiador de fortalecer um dos maiores times do país.

O 1º TÍTULO DE UMA ERA!
O título da Copa do Brasil veio após uma final épica contra o Santos e recolocou o Palmeiras no cenário do futebol nacional.

1ª EXPOSIÇÃO DA TAÇA
Em uma ação inédita no Brasil, a Crefisa e a FAM promovem uma experiência única ao expor a Taça da Copa do Brasil na sede da FAM.

PATROCINADORES MÁSTER
O ano de 2016 começa com um novo marco na história da parceria entre o Palmeiras, a Crefisa e a FAM, que se tornaram os patrocinadores máster do clube.

TÍTULO DO CAMPEONATO BRASILEIRO
Após 23 anos do último título do Campeonato Brasileiro, o Palmeiras encerra o ano de 2016 levantando a Taça do Eneacampeonato. Elenco e patrocínio foram as chaves para o sucesso.

EXPOSIÇÃO DAS TAÇAS
Repetindo a ação de 2015, a Crefisa e a FAM trouxeram a Taça do Eneacampeão Brasileiro para perto dos torcedores ao promover uma exposição na sede da FAM, em São Paulo.

2017

RENOVAÇÃO DO PATROCÍNIO

Em 2017, a parceria entre Crefisa, FAM e Palmeiras – que se firmou como sinônimo de vitórias nos anos anteriores – foi renovada por mais dois anos, tornando-se o maior patrocínio das Américas.

REVITALIZAÇÃO DO CENTRO DE EXCELÊNCIA CREFISA CAPITÃO ADALBERTO MENDES

A parceria entre o Palmeiras e a Crefisa também se estende para fora dos campos. Em 2017, a empresa investiu na revitalização do Centro de Excelência Crefisa – Capitão Adalberto Mendes, que coleciona elogios por sua estrutura.

2018

CAMPEONATO BRASILEIRO

Em 2018, o Palmeiras alcança um feito inédito no país: a conquista do Decacampeonato Brasileiro. O Verdão conquistou o título e chegou ao final do Campeonato Brasileiro com uma campanha fantástica, ficando 23 rodadas invicto e com o melhor ataque e a melhor defesa da competição.